MICHEL SCHOOYANS

O COMUNISMO E O FUTURO DA IGREJA NO BRASIL

HERDER

O autor do presente livro bacharelou-se, em 1949, em Filologia Românica, pela Universidade de Lovaina. Passando a cursar o Seminário Maior de Malinas, ordenou-se sacerdote em 1955. Recebeu os graus de Doutor em Filosofia e em Filosofia e Letras da Universidade de Lovaina. Posteriormente, realizou estudos complementares de Filosofia, na Universidade de Bonn.

No Brasil, atualmente, leciona Introdução à Filosofia, Epistemologia e História da Filosofia Moderna e Contemporânea, na Universidade Católica de São Paulo. Colaborando em diversas revistas nacionais e estrangeiras, é ainda membro da "Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale" (Louvain-Paris), e membro titular do "Instituto Brasileiro de Filosofia" (São Paulo).

Na presente obra, o autor examina, com muita objetividade, o problema do comunismo, em terras brasileiras, e as implicâncias do mesmo no que se refere às suas relações com a Igreja. Percebe, com ôlho clínico, o incrusta-

(*continua na outra dobra*)

O COMUNISMO E O FUTURO DA IGREJA NO BRASIL

MICHEL SCHOOYANS

Professor na Universidade Católica de São Paulo

O COMUNISMO E O FUTURO DA IGREJA NO BRASIL

EDITÔRA HERDER

SÃO PAULO

1963

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

As páginas *que seguem têm a ambição de servir de ponto de partida a fecundas discussões. Não esperamos conseguir a adesão de todos os nossos leitores. Quisemos fazer refletir e não irritar, preparar trocas de vistas e não provocar vãs polêmicas. O assunto tratado é delicado como todos os assuntos fundamentais. Focaliza modos de agir profundamente enraizados, e mais ainda modos de pensar.*

As reflexões apresentadas aqui foram expostas em dois estudos recentemente publicados no estrangeiro[1]*. Comunicamo-las a amigos brasileiros, sacerdotes e leigos, que nos pediram, com insistência, puséssemos estas idéias ao alcance do público brasileiro. Diversos fatôres, contudo, nos levaram a modificar profundamente os dois tex-*

---

(1) Cf. *Les Catholiques brésiliens face au communisme*, em *Economie et Humanisme*, 21.º ano, n.º 137, janeiro-fevereiro 1962. p. 35-50; *Los católicos frente al peligro comunista. El problema en América latina*, em *Critério* (Buenos Aires), 25.º ano, n.º 1407, 12 de julho 1962, p. 487-490, e n.º 1408, 26 julho 1962, p. 527-530.

tos primitivos e a dar-lhes mais amplitude. Críticas benévolas permitiram-nos retificar ou precisar certas afirmações. A evolução recente dos acontecimentos nacionais confirmou certas vistas e favoreceu o aprofundamento da reflexão. Enfim, dirigindo-nos aqui ao público brasileiro, pudemos empregar um estilo mais direto, e dar às nossas sugestões uma forma mais concreta.

Pensando nos leitores desejosos de aprofundar tal ou tal tema tratado, demos alguns elementos de bibliografia. Limitamo-nos a indicar obras cujo acesso é fácil no Brasil.

A Senhorita Maria Cecília Ferreira e o Professor Alexandre Correia aceitaram rever cuidadosamente o nosso texto. Aqui lhes exprimimos tôda a nossa viva gratidão.

São Paulo, dezembro de 1962.

O COMUNISMO E O FUTURO DA IGREJA NO BRASIL

Os recentes acontecimentos em Cuba deram nôvo impulso à reação dos católicos brasileiros em face do comunismo. Os sucessos de Fidel Castro despertaram, entre êles, sentimentos de inquietude, mal-estar e apreensão. Tomou-se consciência de que se deve agir. Cuba é símbolo ou provocação. Para muitos brasileiros, seu exemplo é tentação repleta de sedução e de promessas. Discute-se sôbre êle no parlamento, na imprensa e em reuniões públicas. Cuba tornou-se tema de debates apaixonados nas universidades.

A imprensa esclarecida e os meios católicos, levados pelos acontecimentos, não fazem mistério de sua angústia em face do perigoso precedente que ameaça ser a gota de azeite. No norte, onde os camponeses suportam ainda um sistema latifundiário bastante ultrapassado; no centro e no sul, onde a indústria, dirigida em boa parte do estrangeiro ou por estrangeiros, se de-

senvolve em ritmo acelerado, teme-se sobrevenha um movimento violento de reforma, teleguiado de Cuba[2].

Cuba tornou-se um sinal de contradição.

De fato, por trás dêsse escudo, o que está em jôgo é o dilema do mundo contemporâneo, a opção, à qual não se pode mais escapar, entre o cristianismo autêntico e o comunismo.

Esta situação afeta vivamente os católicos brasileiros. Contudo, pensamos ser o problema mais grave ainda do que comumente se imagina. Quando analizamos a atitude dos católicos brasileiros em face do comunismo, tomamos consciência de que ela se baseia numa concepção parcialmente falsa, uma vez que incompleta, do "mal do século". De fato, um exame atento da situação geográfica, social, econômica, política, religiosa e cultural do Brasil revela predisposições inquietantes para uma tentativa comunista, muitas vêzes mesmo sinais precursores que é preciso encararmos de frente.

Os católicos devem imprescindìvelmente tomar consciência da amplitude do perigo. Antes

---

(2) A propósito de Cuba, assinalamos o livro interessante de Claude JULIEN, *La Révolution cubaine*, Paris, (1961). Completar-se-á esta exposição pelo "dossier de la quinzaine": *A Cuba, deux ans après: Les catholiques devant l'imposture*, em *Informations catholiques internationales*, n.º 137, 1.º fevereiro 1961, p. 13-26. Ver também o livrinho notável de Raymond SCHEYVEN, *De Punta del Este à La Havane, L'Amérique latine et le monde 1961*, (Bruxelas, 1961), 145 p.

de mais nada, é preciso, para isso, não se ocultar a si próprio os graves problemas internos do país. À luz dêsse exame, poderemos chamar a atenção para algumas fraquezas da atual posição católica e sugerir normas de ação positivas e eficazmente construtivas. Com efeito, não é suficiente *ser contra* o comunismo; é necessário ainda tomar a dianteira e enfrentar os problemas que os adeptos do nôvo messianismo pretendem resolver.

A AMEAÇA COMUNISTA VISTA PELOS CATÓLICOS BRASILEIROS

Como se afigura o comunismo ao católico brasileiro médio? Convém examiná-lo, embora mui sumàriamente.

O comunismo é, antes de tudo, um perigo que ameaça do exterior. Teme-se o contágio da aventura cubana. Teme-se a infiltração da imprensa comunista. Teme-se o reatamento das relações culturais, comerciais e também diplomáticas com os países do bloco de leste [3].

---

(3) A U.R.S.S. e, mais recentemente, a China comunista, fazem, no Brasil, uma propaganda sistemática. Propaganda esta que reveste as formas mais variadas: bôlsas de estudos, ofertas a estudantes brasileiros, viagens turísticas organisadas, accessíveis, em particular, aos políticos, cursos de língua russa, instalação de sociedades culturais, danças folclóricas, balés, filmes, — sem falar das vantagens oferecidas nos domínios econômico, comercial, militar etc. Ver: *O comunismo no Brasil e na América latina*, em *Síntese política, econômica, social*, II.º ano, n.º 5, janeiro-março 1960, p. 73-79; Robert J. ALEXANDER,

Pensa-se serem as classes operária e camponesa os mais vulneráveis dos grupos sociais. Em geral, não se imagina nunca que o perigo comunista possa ameaçar, sobretudo, parcelas da classe média. Ao contrário, os camponeses do nordeste e os operários das regiões industriais de Minas Gerais, Rio e São Paulo são considerados como os mais receptivos ao novo ideal. Ora, apesar de não praticantes, todos êles se dizem ainda católicos. Compreende-se, então, a preocupação dos curas de alma: a sedução do materialismo comunista, ateu e militante, ameaça aniquilar tudo o que resta do sentimento religioso das massas.

Entretanto, é necessário observar que as execuções intempestivas de Fidel Castro prejudicaram a causa comunista no Brasil e levaram a concluir-se que o comunismo é sinônimo de ditadura, fusilamentos e execuções. O comunismo é, então, a negação da liberdade de ação e de expressão: é dirigismo e estatismo. Sob o pretexto de pôr fim a abusos, cuja amplidão deveria ser precisada, o comunismo ataca a base da ordem estabelecida, e em particular a propriedade privada, solapando-lhe o princípio.

L'action soviétique en Amérique latine, em *Le contrat social*, vol. V, n.º 2, março-abril 1961, p. 112-116; Manuel Castillo, *La acción del comunismo en el Brasil*, em *Estudios sobre el comunismo*, Santiago, 10.º ano, n.º 36, abril-junho 1962, p. 52-64.

Êsse ataque constante à liberdade se manifesta mais claramente ainda na atitude do comunismo em face da religião, e particularmente da religião católica. Certamente, sabemos que o comunismo é ateu, mas nem sempre as raízes profundas dêsse ateísmo bem como suas conseqüências são claramente percebidas. Além disso, desde que o homem é só matéria, nega o comunismo que tenha uma alma imortal e que seu destino ultrapasse os limites de uma simples vida terrestre. Aos católicos apraz frisar o caráter militante dêste ateísmo: o comunismo persegue a Igreja, os padres, os católicos em geral. Limita a liberdade de culto. Expropria os bens da Igreja. Seculariza as instituições de ensino. Laiciza as obras de assistência. Numa palavra, impede os católicos de viverem a sua religião.

Enfim, a moral comunista se resume na máxima: "o fim justifica os meios". Para impor o seu ideal, os comunistas recorrem à violência e à astúcia. Em Cuba, instalaram-se manhosamente, antes de perseguirem os inimigos. Acolá, se imporão pela fôrça. Em todo caso, são mentirosos e de má fé. São os maus: o comunismo é o inimigo.

O equívoco das posições católicas...

De modo geral, essa é a concepção do comunismo que refletem as publicações católicas de

grande divulgação. É ela que dita a posição católica em frente ao perigo comunista. Como é de esperar, esta posição se situa, antes de tudo, no plano doutrinal e, mais precisamente, no religioso. De fato, do ponto de vista católico, o comunismo é, antes de mais nada, um perigo para a fé. Daí o denunciar-se com insistência a oposição, aliás real, entre os princípios ateus do comunismo e a revelação cristã. Os católicos brasileiros se interessam não só em atacar o ateísmo marxista como em lhe refutar outras teses teóricas, recorrendo às encíclicas sociais dos últimos Papas. Pensamos estar, precisamente aí, a fonte de profundos equívocos.

Com efeito, para ser eficaz, uma discussão deve apoiar-se em princípios comuns aos interlocutores. Quando S. Tomás critica uma posição filosófica de Aristóteles ou de Averróis, serve-se de considerações filosóficas e não teológicas. Na medida em que os católicos teimam em se servir de documentos provindos da hierarquia *enquanto tal,* expõem-se a não serem compreendidos pelos seus interlocutores. Belo exemplo de diálogo de surdos. Se o recurso ao princípio de autoridade tem valor para a consciência de um católico convicto e submissc, não o tem para a de um católico medíocre ou para um ateu. Outrossim, como documentos religiosos, as encíclicas são geralmente dirigidas ao mundo católico e só a êle. Assim, quando seus rivais situam a

discussão num plano puramente natural, os católicos julgam poder contestar recorrendo a argumentos de autoridade, garantidos pela origem divina que se lhes reconhece.

Procura-se, então, na "doutrina social da Igreja", a panacéia para tôdas as dificuldades levantadas pelo comunismo, não só no domínio religioso como no social, econômico e político. Em nome da doutrina social da Igreja, o clero apelará para a bondade e compreensão dos ricos. Intercederá junto à classe dominante, suposta sensível às objurgações da hierarquia. Que cada um dê do seu, prega-se paternalmente, e logo o perigo comunista será afastado.

Em suma, muitos católicos supõem encontrar na doutrina social da Igreja, codificada nas encíclicas e nos discursos pontifícios, a arma necessária para obter grandes vitórias. Infelizmente, na prática, esta doutrina, sòzinha, não atinge e não convence ninguém, a não ser os convictos...

Deparamos aqui o segundo e grande equívoco, que enfraquece a posição dos católicos brasileiros em sua luta contra o comunismo. Porque, se o comunismo é doutrina teórica, é também uma *praxis*. Não só interpreta a História como também julga poder orientá-la. É doutrina de ação. O combate no campo teórico é, então, absolutamente necessário, mas absolutamente insuficiente: é preciso também atingi-lo no campo dos fatos, i. é, da ação. Ora, em vão pro-

curar-se-á encontrar no que se convencionou chamar de "doutrina social da Igreja" qualquer indicação técnica pormenorizada. Guardiã da fé e dos costumes, a Igreja dita os princípios eternos da moral, levando em conta as necessidades das diversas épocas. Para o mais, após haver ditado os princípios diretores da ação dos católicos, confia no seu espírito de iniciativa. Voltaremos, mais tarde, a falar sôbre êsse assunto de capital importância.

...e a insuficiência das táticas decorrentes.

Por não verem que a luta contra o comunismo não se trava sòmente no plano doutrinal, mas que deve desenvolver-se também, e talvez principalmente, no plano dos fatos, bom número de católicos brasileiros professam um anti-comunismo mais barulhento do que eficaz [4].

Há, por exemplo, o anti-comunista lírico ou frenético que denota, certas vêzes, sintomas inquietantes de obsessão patológica. Nesta categoria convém classificar todos aquêles que se ex-

---

(4) A respeito dos temas versados mais abaixo possuímos um documento de interêsse excepcional, que emana de um membro da hierarquia. Trata-se do discurso sôbre *os falsos métodos de luta contra o comunismo*, pronunciado por S. Excia. Mgr. ROSSEL Y ARELANO, arcebispo de Guatemala, a 12 de outubro de 1958. Dom Rossel dirigia-se aos membros de um Congresso anticomunista, do qual participavam delegados de diversos países latino-americanos. A tradução francesa dêste texto, de suma importância, encontra-se na *Documentation catholique*, t. LVI, n.º 1306, 21 de junho 1959, col. 825-828.

citam e não recuariam diante de qualquer violência ou medida policial, para silenciar a voz de seu inimigo. Já se viram sotainas atirar suas tropas contra um conferencista comunista célebre e, de faca em punho, pôr-lhe a vida em perigo.

A cruzada de católicos brasileiros está longe de sempre revestir-se de formas medievais e folclóricas. Sob aparências mais modernas e civilizadas, manifesta-se, contudo, esta confiança nesses meios de sujeição, entre os partidários do *integralismo*. Seus dirigentes, inspirados em métodos fascistas, não veriam com maus olhos eliminar-se todo o perigo comunista, precipitando o país sob sujeição mais ou menos cerrada de uma ditadura de direita.

Por não poderem recorrer a qualquer forma de violência, alguns apelam para a maldade, a calúnia e também a má fé — armas que, por outro lado, reprovamos no adversário. Quantas vêzes não acontece publicações católicas de grande difusão manifestarem a mais elementar falta de caridade e também a mais elementar falta de justiça quando se trata do comunismo! Como é aflitivo verificar-se a desonestidade intelectual ou a ignorância crassa de alguns católicos que se põem a condenar o comunismo, sem antes ter adquirido um mínimo de conhecimentos precisos sôbre o assunto, conhecimentos êsses absolutamente indispensáveis para escapar ao ridículo!

É, infelizmente, nesse nível que se situa a luta contra o comunismo em bom número de universidades católicas. Segundo um procedimento tão velho quanto a filosofia, deforma-se, voluntàriamente ou não, o pensamento do adversário, para poder "refutá-lo" com maior facilidade. Infelizmente, é difícil imaginar-se a triste impressão de ceticismo que deixam essas pretensas refutações em espíritos um tanto, ainda que pouco, críticos...

Há também o anticomunismo que acredita poder confiar no sentimentalismo religioso do povo brasileiro. Para isso, frisa-se a irredutibilidade do Cristianismo e do ateísmo comunista, ou amedronta-se o povo, evocando as perseguições sangrentas.

É preciso mencionar ainda o anticomunismo hipócrita. É o apanágio dos que protestam, de forma ostensiva, a retidão de suas intenções. Jactam-se de fazer campanhas em nome de princípios morais e religiosos. Todavia, índices ou provas revelam que, por baixo dos nobres móveis com que se ornam, existe egoísmo sórdido, mêdo de perder uma situação próspera ou simplesmente confortável.

Assinalemos ainda o anticomunismo eufórico. Tal anticomunismo apresenta a apreciável vantagem de negar a existência do problema. Descreveremos, ràpidamente, suas duas principais for-

mas. É encontrado entre aquêles que alimentam confiança beata no poderio militar dos U.S.A.. Pensa-se que, ao menor ataque, os norte-americanos acionarão o botão certo e o agressor será aniquilado. A outra variante dessa forma de anticomunismo pode ser admiràvelmente resumida e ilustrada por um silogismo ouvido de um professor de filosofia: "Onde há fome há comunismo; ora, no Brasil não há comunismo, portanto não há fome" (*sic*).

Enfim, entre alguns — mas não se pode dizer que sejam a maioria, encontra-se um anticomunismo mais esclarecido, mas que, no entanto, não está isento de equívocos. Impressionados com a urgência da ameaça e, por outro lado, sensíveis à miséria de algumas parcelas da população, alguns católicos dão, às vêzes, a impressão de "flertar" com os comunistas, senão quanto aos princípios, ao menos quanto aos métodos de ação e aos meios de expressão[5]. Alguns dão

---

(5) Num discurso, que nada perdeu da sua atualidade, Mgr. Bruno de SOLAGES denunciou brilhantemente *La mystification de certains milieux chrétiens par le marxisme*. Ver Mgr. Bruno de SOLAGES, *Les postulats doctrinaux du Progressisme*, (Etudes religieuses, 705), Bruxelas-Paris, 1954, 38 p.. Na mesma linha, embora de um outro ponto de vista, deveriam ler-se as páginas do Cardeal L. J. SUENENS, em *A missão da Igreja no Século XX*, trad. de Frei Lucas MOREIRA NEVES, São Paulo, (1959), especialmente o cap. II: *Humanizar ou Evangelizar*, p. 33-57. Ver também as obras citadas, nota (40) p. 56.

inclusive a impressão de reduzir a religião a um *meio*, destinado a estabelecer um regime mais justo e humano, — o que seria a pior deturpação possível da religião. Certamente, seria injusto interpretar a ação dêsses católicos como uma "política de mão estendida". Mas não é menos verdade que as suas atividades parecem inspirar-se em motivos oportunistas, ditados mais por preocupações táticas do que doutrinais. Aparentam ainda estarem colocados em posição ambígua, tendente a esconder as irredutíveis oposições de princípios — o que lhes vale, muitas vêzes, viva oposição de todos os lados.

Por outro lado, alguns católicos, sobretudo leigos, versados em ciências econômicas e sociais, e honestamente informados sôbre a sua religião, mostram-se tímidos quando se trata de discutir com os adversários no campo da ação. Sem dúvida, tal reticência pode ser explicada em parte pelo orgulho de alguns católicos, um tanto seguros de possuirem a verdade. Pode ser também que êsses leigos se sintam pouco apoiados pela autoridade, ou ainda, que por comodismo cedam êles às pressões disfarçadas do ambiente[6].

---

(6) Há analogias entre as atitudes tomadas pelos católicos em face do comunismo, na França e no Brasil. Ver L. GUISSARD, *Quelques réactions des catholiques en face du communisme*, em *Chronique sociale de France*, número sôbre *Progressisme et Intégrisme*, 63.º ano, n.º 3, 15 de maio de 1955, p. 233-239.

Essa atitude dos católicos, apesar das variantes enunciadas, apresenta algo de comum: baseia-se num conhecimento parcial, ou por partes, do comunismo.

O perigo é principalmente interno e não externo.

O primeiro engano consiste, antes de tudo, em crer o perigo comunista exterior ao Brasil. O exemplo de Cuba poderia, quando muito, apressar um processo interno já em via de desenvolvimento, — a não ser que os católicos ajam judiciosamente. Ao comunismo não apraz complicar sua tarefa; prefere deixar evoluir a seu proveito situações adquiridas; colhe frutos maduros. Falando em linguagem clara: alimenta-se de nossas omissões.

Ora, é fato largamente difundido por economistas, sociólogos, jornalistas etc. que a situação do proletariado brasileiro deixa muito a desejar [7]. A ostentação de luxo por parte dos

---

(7) Por enquanto, não dispomos de estudos brasileiros de conjunto sôbre o assunto. Podem ser consultadas as obras de Josué de CASTRO, especialmente *Documentário do Nordeste,* São Paulo, 1957, e *O livro negro da Fome, ibid.*, 1960. Ver também as conclusões do inquérito dirigido pelo Padre L. J. LEBRET, em *O Estado de São Paulo* de 13 e 15 de abril 1960, sob o título de *Aspectos*

ricos só acentua o desnível, às vêzes escandaloso, que existe entre as famílias proletárias e as ricas. Abrindo-se um jornal ao acaso, vê-se que quase não se passa um só dia sem que surjam, aos olhos do povo, a corrupção e a venalidade de alguns membros das classes dirigentes. Direta ou indiretamente, são os humildes que pagam os gastos dessas manobras desonestas. Em semelhantes condições, os comunistas fazem fàcilmente brilhar os atrativos de seu humanismo materialista. Hàbilmente apresentado, o comunismo é aceito, normalmente, com simpatia pelos oprimidos. Aparece reivindicando um regime mais justo e humano. Mas, pior ainda, êle não se contenta em reivindicar: pretende apresentar-se de fato como o único sistema que promove êste regime no plano das realizações concretas, das instituições. Exemplo: Cuba. Resumindo: o perigo não está no exterior, mas no próprio interior do país.

Humanos da Favela Carioca. A título de exemplo, citemos ainda o *Suplemento Agrícola* do referido jornal, de 5 de dezembro de 1962: "Sem nenhum confôrto, morando em choupanas, o agricultor, que volta do trabalho, não encontra no lar ambiente que sirva para retemperar suas energias ou que lhe permita melhorar os conhecimentos. Faltam-lhe luz elétrica, água encanada, enfim, as condições mínimas para um padrão de vida razoável e compatível com a própria dignidade humana." Encontrar-se-ão elementos de bibliografia no livro de Florestan FERNANDES, *Mudanças Sociais no Brasil. Aspectos do Desenvolvimento da Sociedade Brasileira,* São Paulo, 1960, *passim.*

O comunismo, tentação para os operários...

Pensa-se igualmente que o comunismo ameaça, diretamente, a classe operária. Ora, uma consciência de classe no povo humilde ainda não existe. Ninguém negará que esteja em via avançada de formação em alguns centros industriais ou certas regiões agrícolas. Mas em geral, nem os operários, nem os camponeses já têm consciência clara de constituírem uma classe[8]. No entanto, essa consciência de classe no proletariado, juntamente com a tomada de consciência da miséria, são absolutamente indispensáveis para a instalação de um regime comunista. A História o confirma: uma intervenção extrínseca ao proletariado sempre foi necessária para nêle despertar uma consciência de classe. Os operários aos quais Marx se dirigia em Paris, por volta de 1844, tinham consciência de constituírem uma classe. Por essa época, a industrialização da Europa não era, certamente, apanágio de Paris, nem da França; mas os artesãos parisienses, antigamente protegidos pelas suas corporações e que se tornaram, com o tempo, proletários, tinham transmitido aos seus

(8) A constituição das classes sociais na América latina foi objeto de um estudo de Frederico Debuyst. *Las clases sociales en América latina,* (Documentos latino-americanos, 3), Friburgo (Suiça) — Bogotá — Bruxelas, 1962, 217 p.. Ver em particular a II.ª parte: *Estratificación y movilidad social en Brasil,* p. 53-85.

descendentes os ideais da Revolução Francesa. Graças a Deus, o Brasil não conheceu semelhante Revolução — e queira Deus afastar-lhe sempre tal praga —, mas não é necessário ser grande profeta para perceber que o desenvolvimento progressivo da indústria nas cidades unirá os operários e favorecerá o despertar, entre êles, de uma consciência de classe.

Qual será o agente extrínseco dêsse despertar?

. . . mas, sobretudo, mística para os universitários.

No atual estado de coisas, não se pode, evidentemente, pensar que esta consciência de classe seja despertada por membros das classes dirigentes. Tal consciência só poderá ser despertada por uma terceira fôrça, em via avançada de formação nos grandes centros urbanos: aquela que corresponde, *grosso modo*, à classe média da Europa ocidental. Ora, os universitários de hoje prefiguram a classe média de amanhã. Quer o comunismo aqui se implante, quer se frustre, é dêles, universitários, que sairá normalmente o quadro político, científico e cultural do Brasil de amanhã.

A nosso ver, aqui precisamente está situada a principal ameaça comunista. As lições da história recente dos países hoje comunistas e, ao

mesmo tempo, a reflexão sôbre a situação atual do meio universitário, indicam, da maneira mais clara possível, que será sob o impulso desta terceira fôrça que o meio operário e camponês tomará consciência de constituir uma classe, de ser uma fôrça. É exatamente nesse ponto que devem fundar-se nossos temores, mas também, como o veremos, nossas esperanças.

Ora, na atual conjuntura, o público universitário pode ser atraído pelo comunismo de dois modos sensìvelmente diferentes, mas que nem sempre, na prática, é fácil distinguir um do outro. Em ambos os casos, se o meio universitário fôr seduzido pela ideologia comunista, êle fornecerá a terceira fôrça da qual acabamos de falar.

É fàcilmente compreensível, dada a atual situação, que os mais generosos e inteligentes elementos da juventude universitária brasileira sofram bastante a ascendência do comunismo. Fora do marxismo, que se lhes oferece como ideal concreto? O marxismo lhes oferece uma filosofia acessível, normas de ação relativamente precisas, tanto em política quanto em economia, — em resumo uma *mística*. De certo, êsse dado histórico, que é o Brasil de hoje, é suscetível, ao menos em teoria, de várias interpretações. Assim também é possível interpretar a história das civilizações à luz de filosofias de inspiração bastante diversas. E outras filosofias além do mar-

xismo sugerem normas de ação construtiva que seriam válidas tanto para o Brasil quanto para qualquer outra nação. Mas é fato que boa parte dos atuais pensadores brasileiros mais atentos à realidade nacional, são de inspiração marxista mais ou menos pronunciada. Poder-se-á argumentar com a presença de outras fontes de inspiração. Mas, do lado católico, o Centro Dom Vital já não têm o vigor que o caracterizava, há uma geração. E os pensadores católicos que estudam a realidade nacional, mesmo quando atualizados, são bastante isolados. Não propõem aos demais intelectuais brasileiros um corpo de doutrina homogêneo, e, por enquanto, não são suficientemente organizados para apresentarem uma visão cristã global do conjunto dos problemas nacionais. Quanto às escolas de sociologia — de inspiração mais ou menos positivista — parecem confinar-se em seus trabalhos científicos, aliás bastante interessantes, mas que não oferecem à juventude universitária nem uma mundividência, nem uma mística de ação.

A situação é tanto mais alarmante quanto o atual estado do país se presta admiràvelmente a uma interpretação de inspiração marxista. Quantas páginas do *Capital* ou de Mao-Tse-Tung se aplicam quase literalmente a tal situação concreta do meio operário e camponês brasileiro! E, para o marxismo, da interpretação filosófica de

uma situação histórica determinada para a ação política e revolucionária, só vai um passo.

Dificilmente se exageraria a importância da ameaça comunista ao nível que acabamos de falar. Para o comunismo triunfar no meio universitário, e depois no país, é suficiente obtenha o concurso de um punhado de estudantes inteligentes e decididos. São justamente essas minorias que tomam em mãos as grandes revoluções; nunca as massas: essas seguem. Ora, onde encontrar, no Brasil de hoje, os homens predispostos a aderirem à ideologia marxista? Onde poderíamos encontrar os líderes políticos marxistas de amanhã? Não entre os operários, nem entre os camponeses, — ao menos de modo direto — mas sim entre os universitários.

Tal nos parece ser a primeira via pela qual universitários generosos poderiam ser conduzidos ao comunismo. Para aquêles que não querem ser ingênuos, o exemplo de Cuba e a recente greve universitária devem constituir, a êsse respeito, séria advertência.

Existe, no entanto, uma segunda via pela qual a sedução comunista poderia atingir o mundo universitário.

É público e notório que o nível médio de boa parte das universidades brasileiras, especialmente no que respeita às ciências humanas, não é satisfatório, — e por certo as católicas não são

exceção. O Brasil conta com muitos sábios e vários centros de pesquisa de fama mundial, mas há um estranho hiato entre o alto nível dêsses sábios e dêsses centros e o nível médio do conjunto das instituições de ensino superior. Acontece então que não raramente o estudante médio não encontra na universidade um meio intelectual bastante empolgante para despertar-lhe a mais legítima ambição. Uma vez formados, uma parte dêsses estudantes pode ser recuperada, se tiverem êles a sorte de encontrar um meio favorável ao seu desabrochamento. Mas os outros? Fazem a experiência amarga da sua falta de preparo e acabam desiludidos e desanimados.

Ora, num país onde o desenvolvimento conhece um ritmo acelerado em todos os setôres da atividade humana, a falta de preparo dêsses universitários tornar-se-á cada vez mais flagrante. Pesarão como encargo da coletividade, dando-lhe pouco em troca. Nessas condições, é normal que o comunismo lhes apareça como uma tábua de salvação. Por falta de legítima ambição pessoal, bem como de espírito crítico, não vacilarão em alienar a sua liberdade a favor de dirigentes comunistas que por ventura se apresentarem. O regime da estatização se lhes apresentará como o último refúgio.

Agora, o círculo está fechado. Os dirigentes políticos de amanhã, e em particular os univer-

sitários decididos de que falamos, terão assim uma vasta e maleável clientela eleitoral, constituída pelos operários, pelos camponeses, e por uma parte dos universitários mal preparados. Mas, na pior das hipóteses, seria certo que, mesmo chegados ao poder, os comunistas disporiam de técnicos suficientemente qualificados e bastante honestos para dirigirem o país e fazerem-no progredir em rítmo mais rápido que o atual?

Daí resulta que a ameaça comunista no Brasil diz respeito, imediatamente, ao mundo universitário. E para confirmar o caráter imediato desta ameaça e a urgência da situação assim criada, convém acrescentar um elemento muito importante, mas pouco relevado. Como seqüência de uma evolução que não analizaremos aqui, acontece que, atualmente, no Brasil, é o meio estudantil que tem mais *precisamente consciência de constituir uma classe*. A única coisa que lhe falta (e lhe faltará realmente?) são líderes capazes de o dirigir[9].

Esta observação nos leva a concluir que o problema do comunismo no Brasil ultrapassa, e

---

(9) Ver as *Resoluções do II.º Seminário Nacional de Reforma Universitária,* celebrado em Curitiba em março de 1962, e publicadas pela "União nacional dos Estudantes" sob o título de *Carta do Paraná,* (Cadernos da UNE, 2). Comparar-se-á o teor da referida *Carta* com as considerações de Álvaro VIEIRA PINTO, sôbre *A Questão Universitária,* (Cadernos Universitários, 1), (Rio de Janeiro, 1962).

de muito, o campo próprio do catolicismo como religião. De fato, é todo o problema do desenvolvimento humano e religioso que está em jôgo.

A tática comunista em face da religião.

Parece portanto insuficiente, e mesmo perigoso, apelar para o tradicional sentimento religioso do povo para opôr-lhe sólida barreira. Há formas de comunismo, por exemplo o italiano, que se confundem fàcilmente e muito bem, com a religiosidade popular, pouco sensível a questões de princípios. Que se lembre mais uma vez o exemplo de Cuba. Não parece que o tradicional catolicismo cubano tenha constituído obstáculo eficaz no estabelecimento do comunismo. Longe, então, de constituir uma muralha contra o comunismo, poderá acontecer que o substrato cristão subsistente no povo venha a constituir-se em atrativo que a tática comunista não deixaria de explorar hàbilmente. Lembremo-nos de que a própria Rússia, a "Santa Rússia", sempre foi um país com tradições místicas muito vívidas; que a "católica Espanha" quase ficou seduzida pela ideologia comunista. Mais ainda: a sêde de justiça, de que o comunismo se julga arauto, é o resíduo das noções cristãs de

justiça e caridade, desprovidas de conteúdo teologal[10]. A massa popular, menos sensível às desastrosas conseqüências de tal laicização, deixar-se-á levar fàcilmente pelos êxitos parciais, porém espetaculares do comunismo. Alguns cristãos mal suportam ver os êxitos russos em astronáutica. Tentam encobrir com um véu pudico os abusos do regime feudal anacrônico que ainda ontem reinava em certo país da Europa Ocidental[11]. Admitem a contra-gôsto que a China comunista tenha conseguido extirpar numa medida apreciável a espantosa corrupção dos regimes anteriores, e realizar, num tempo recorde, sensacionais trabalhos de irrigação. Sem atender a sacrifícios desumanos: é preciso reconhecê-lo. Porém, é incontestável que a massa tende a julgar a veracidade de uma doutrina a partir de sua eficácia. Assim, uma propaganda bem organizada sôbre êsses êxitos, limitados mas precisos, pode conseguir abalar a fé dessas massas que se tentava, todavia, imunizar.

---

(10) Esta impostura do comunismo, esta secularização do ideal cristão da justiça e da caridade foram denunciados largamente nas obras, hoje clássicas, de Jacques MARITAIN e do Padre Emile RIDEAU. As idéias desse último foram recentemente resumidas pelo grupo "Gente Nova", de Belo Horizonte. Êste resumo foi publicado em 1962 na série "Cadernos de Formação e Cultura", n.º 5, (Belo Horizonte), sob o título *Sedução Comunista — Reflexão Cristã*.

(11) As reflexões de A. MICHEL, a propósito dos *Problèmes religieux dans un pays sous régime communiste*. col. "Questions pastorales", Paris, 1955, esclarecem bem êste ponto. (Há tradução portuguêsa).

Há, também, razão de alardear as odiosas perseguições comunistas contra os cristãos e vivemos, sem dúvida, o período da História em que a Igreja conta com o maior número de mártires e confessôres da fé. Na realidade, o comunismo alimenta a idéia de que a religião morrerá, necessàriamente, recorrendo-se ou não à violência. A hostilidade dos comunistas em face da religião é bem mais hábil e, em conseqüência, mais temível, uma vez que, sob aparência de tolerância, e sob protestos de coexistência pacífica, confiam no que consideram um caso particular de determinismo histórico, — que conduzirá fatalmente à extinção da religião. Na Rússia, por exemplo, a perseguição violenta não é mais o meio normal da luta comunista contra a religião. Aí, a propaganda anti-religiosa é, atualmente, menos violenta do que na China, mas, apesar disso, não deixa de ser perigosa. Vangloriando-se de sua tolerância, de certa liberdade de culto, os comunistas russos compensam a desastrosa impressão que causa o balanço de perseguições sangrentas em outros pontos do mundo vermelho [12].

(12) Sôbre a luta contra a religião na Rússia soviética, ver *Informations catholiques internationales*, n.º 115, 1.º março 1960, *L'athéisme militant en U.R.S.S.*, p. 13-22; e *ibid.*, n.º 178, 15 outubro 1962, p. 26-27. Ver também A. Wenger, *La Russie de Khrouchtchev*, Paris, 1960.

Aí estão alguns matizes aos quais a massa não é nada sensível e nos quais, por conseguinte, é preciso instruí-las. Se sobreviesse um govêrno comunista hábil, saberia certamente respeitar as formas exteriores da religião popular e até explorá-las. O povo não reconheceria nêle o adversário sanguinário tantas vêzes denunciado.

Notemos ainda que observações análogas poderiam ser feitas sôbre a tática comunista em geral. Apresentar o regime comunista como regime de terror e ditadura, é expor-se, novamente, a muitos dissabores. A lamentável e frustrada invasão de Cuba fornece o melhor exemplo. Com ingenuidade pueril, os organizadores dessa invasão de opereta acreditaram poder conquistar a ilha num abrir e fechar de olhos. Estavam convencidos de que um punhado de homens derrocaria as primeiras resistências castristas, supostas fracas. Em seguida, o povo, refeito de coragem na esperança de próxima libertação, levantar-se-ia a um só tempo para exterminar um regime violento e opressor, que se confundia com a negação da liberdade. Os acontecimentos desmentiram tràgicamente êsse cálculo romântico e mostraram bem o profundo desconhecimento da tática comunista [13].

---

(13) Cf. F. R. ALLEMANN, *Fidélistes, paysans et communistes*, em *Preuves*, n.º 124, junho 1961, p. 31-41. O autor analiza, com grande perspicácia, a passagem do "fidelismo" para o comunismo, assinalando as circunstâncias que o acompanharam.

As reflexões que precedem mostram a gravidade da situação. Com um mínimo de habilidade, o comunismo encontraria no Brasil o caldo de cultura quase ideal. Certamente, a população católica e o clero em particular estão vigilantes. Porém, sua oposição ao comunismo baseia-se em um conhecimento parcial da virulência de sua doutrina e do maquiavelismo de suas táticas. Nada, entretanto, autoriza crer que o comunismo se instalará fatalmente no Brasil. A evolução próxima do país depende, naturalmente, em larga medida, de sua política interna e externa. Depende, também, da política exterior dos U.S.A. e mesmo da dos países ocidentais. Mas o exame dêsses fatôres não cabe nêste estudo. Por outra parte, como vimos, o perigo comunista no Brasil se explica muito mais pela situação interior do país, do que pelas influências exteriores. Assim, pensamos nós, a salvação virá, antes de mais nada, do interior.

Caberá aos países estrangeiros colaborar com os esforços dos próprios brasileiros. Mas os estrangeiros não poderão substituir os brasileiros nesta tarefa.

Queríamos, agora, chamar a atenção para as fôrças vivas que estão latentes no catolicismo brasileiro e, em particular, mostrar que não faltam trunfos favoráveis, dos quais se deve tirar partido.

Princípios fundamentais de solução.

Um realismo lúcido deve orientar a atitude dos católicos para com o comunismo. Pode-se dizer que, atualmente, os métodos de ação empregados baseiam-se, quase todos, no seguinte discutível pressuposto: O Brasil sempre foi, e ainda é terra de cristandade homogênea, país católico por definição, como era antigamente — diz-se — no Império. É preciso a todo custo desvincular a Igreja no Brasil do passado colonial do país; em caso contrário, projetaremos sôbre a situação atual categorias e tipos de julgamentos que falseiam nossas perspectivas. Ora, acontece que muitas vêzes a atitude concreta dos católicos revela precisamente êste grave equívoco inicial, e como conseqüência, a ação dos católicos, em face do comunismo, não tem a eficácia que poderia ter. Com efeito, não é mistério para ninguém que o conjunto da população se encontra atualmente bastante afastada da Igreja[14]. Não aludimos sòmente ao índice de prática religiosa que, segundo algumas sondagens em centros ur-

(14) Ver diversos estudos publicados nos últimos anos na *Revista Eclesiástica Brasileira;* ver também Cândido Procópio Ferreira de Camargo, *Kardecismo e Umbanda. Uma Interpretação Sociológica,* São Paulo, (1961). Na sua revista *Relações humanas,* o "Instituto de relações sociais e industriais" publicou os resultados de diversos inquéritos sôbre êste assunto; cf. p. ex. Elide Rugai, *A Inteligência do Tempo Pascal: Pesquisa entre Católicos da Cidade de São Paulo,* 3.º-4.º ano, n.º 9-10, dezembro 1960 — abril 1961, p. 20-47.

banos, seria bastante inquietante; pensamos sobretudo na influência da Igreja sôbre as instituições e sôbre os grupos sociais como tais.

É sabido também que um número impressionante de brasileiros pobres abraça, todos os anos, em número cada vez maior, o protestantismo e o espiritismo[15]. Êste fenômeno mereceria um estudo aprofundado por parte de sociólogos e psicólogos. Resta saber se êsses pobres não estarão significando, justamente *com esta adesão*, um protesto contra a Igreja, que não podem exprimir de outra forma. Por não poderem recorrer a uma revolução política e econômica, veriam neste desinterêsse pelo fundo cristão de sua cultura tradicional um meio de desvincular-se de uma civilização que os oprime, à qual a Igreja parece mais ou menos vinculada [16].

Se ajuntarmos êsses dois fatos (e qualquer que seja a interpretação que se lhes dê), compreende-se que a idéia do Brasil, terra de cristandade, deixou de valer atualmente. Os fenô-

---

(15) Ver os numerosos estudos de grande valor publicados a respeito por Frei Boaventura KLOPPENBURG.

(16) Houve casos análogos na História. A aceitação do calvinismo, na Holanda, teve certamente motivos de ordem não-religiosa: era também um protesto contra os abusos do govêrno espanhol. Pense-se também na firmeza da fé católica na Polônia de hoje. Êste assunto mereceria um estudo aprofundado.

menos de sincretismo que hoje se manifestam na religião popular são bastante numerosos para que se possam encarar outros fenômenos do mesmo gênero. Um exemplo: a devoção a Nossa Senhora Aparecida, quando não esclarecida, poderia perfeitamente acomodar-se a uma mística comunista, em vez de constituir um antídoto contra ela [17].

Mas por outro lado, é preciso assinalar que o Brasil de hoje recebeu dêsse passado uma herança cristã extremamente preciosa e da qual pode tirar partido.

Apesar dos fatos que acabamos de relembrar, o conjunto da população respeita ainda a Igreja. Aí está um aspecto que impressiona bastante os padres estrangeiros que aqui chegam. Os meios pobres não têm, em geral, nenhuma prevenção contra a Igreja; até hoje êles não foram atingidos pelas influências laicistas que, em muitos países europeus, favoreceram a descristianização

---

(17) "No Brasil, por incrível que pareça, há pessoas que dizem crer em Deus e aceitam o marxismo. Há até os que se dizem "cristãos-marxistas". Êstes ou ignoram o que significa o marxismo ou desconhecem o Cristianismo". Domingos Crippa, *O Humanismo Marxista*, em *Convivium*, n.º 2, 1.º ano, vol. 1, junho 1962, p. 15-39; cf. *ibid.*, p. 36, nota (48).

das massas[18]. É verdade que existe alguma tradição de anticlericalismo em alguns setôres da alta sociedade das grandes cidades. Mas êste anticlericalismo não é tão raivoso, como o encontrado em muitos países da Europa e é, além do mais, muitas vêzes anacrônico. Outrossim, a separação precisa entre os dois grupos sociais tradicionais (massa pobre — classe rica e dirigente) teve como conseqüência a pouca penetração do anticlericalismo nas massas, no seio das quais a religião era considerada, justamente pela alta sociedade, como fator de paz social. Enfim, não há no Brasil uma tradição revolucionária san-

(18) Seria interessante estudar, de mais perto, a psicologia religiosa dos camponeses e dos operários brasileiros. Estudos realizados na Europa conduziram a resultados surpreendentes, mas contribuíram bastante para a adaptação dos métodos pastorais. Ver, no tocante à França, o estudo magistral de Mgr. Simon Ligier, *L'adulte des milieux ouvriers*, t. I: *Essai de psychologie sociale;* t. II: *Essai de psychologie pastorale*, Paris, (1951), respectivamente 586 e 402 p.; P. Schmitt-Eglin, *Le mécanisme de la déchristianisation. Recherche sur le peuple des campagnes*, Paris, (1952), 294 p.; no tocante à Bélgica, *La déchristianisation des masses prolétariennes*, (Centre d'Etudes sociales Godefroid Kurth, 1946-1947), (Cahiers de la Revue nouvelle), Tournai-Paris, 1948, 164 p. (Meios operários); quanto à Inglaterra, J. V. Langmead Casserley, *Absence du Christianisme. L'apostasie du monde moderne*, (Questions actuelles), trad. do inglês por H. Rambaud, prefácio do Padre L. Bouyer, (Bruges, 1957), 262 p.. (O autor é anglicano; examina o problema, principalmente, em função do mundo intelectual).

grenta tão forte como em muitos países da América latina. Em geral, aqui as revoluções são feitas "bem à brasileira", o que não é de se lastimar!

No entanto, os fatos que acabamos de citar constituem apenas condições favoráveis, e podem ser caracterizados como a ausência de possíveis obstáculos. Ora, a essa ausência acresce-se um dado positivo que, a nosso ver, é da mais alta importância e que não se poderia salientar suficientemente. No atual desnorteio atravessado pelo país, a Igreja é, pràticamente, a única instituição existente no Brasil que dispõe de suficiente fôrça moral para orientar o desenvolvimento. Apesar das sombras do quadro, ela é, atualmente, a única entidade capaz de elevar a voz e ser escutada. Por conseguinte, nada justificaria atitudes tímidas de sua parte. É precisamente dando a impressão de não querer se comprometer ou de não querer tomar posição, hesitando em denunciar abusos, faltando à função de "Mãe e Mestra", numa palavra, conformando-se com uma situação de fato, como lhe criticam, às vêzes, de o haver feito sob o Império, que a Igreja no Brasil correria o risco de perder seu prestígio, sua fôrça moral, sua autoridade. Felizmente, hoje, pelo contrário, não há nada disso. Mas se a Igreja quer ainda mais reforçar seu prestígio, ou melhor dizendo, "atualizá-lo", ela se encontra agora em condições históricas excepcionalmente

favoráveis, condições essas bem pouco encontradas antes no decurso do tempo [19].

À luz dessas reflexões, podemos agora sugerir algumas normas para a ação concreta. Indicaremos não só obstáculos a evitar, mas também rumos a seguir.

Nada de conluios com os aproveitadores.

Isto supõe, como condição prévia, que o clero se compenetre de que nenhuma pusilanimidade, nenhuma timidez é mais possível. Mais ainda do que em outros países, o clero daqui não deve temer denunciar os escândalos e as injustiças devidamente averiguadas, sem dar a impressão de os estigmatizar na alheta de seus rivais ou seus adversários. Parafraseando um dito célebre do Cardeal Mercier: "É preciso proclamar que nosso primacial dever, de homens e cristãos, é vindicar a verdade e a justiça quaisquer que sejam as conseqüências"[20]. Ora, já se verifica que a

---

(19) Ver José COMBLIN, *A Vocação cristã do Brasil,* (pro manuscrito), (Campinas, 1960), 26 p.

(20) Cf. L. DE RAEYMAEKER, *Vérité et libre recherche scientifique selon le Cardinal Mercier,* em *Liberté et Vérité,* Louvain, 1954, p. 13-37. A tradução dêste estudo, feita pelo Cônego Luís de CAMPOS, foi publicada no caderno *A fé e a Autonomia da Razão,* na col. da *Revista da Universidade Católica de São Paulo,* (O Pensamento Cristão Contemporâneo, fasc. 1), São Paulo, s. d., p 7 — 22.

mentalidade popular começa a reprovar silêncios cúmplices e omissões do clero [21].

Frente a abusos que, muitas vêzes, pedem vingança, é constrangedor o silêncio de alguns pastôres: pensamos, por exemplo, em casos notórios de sonegação de salário. A alguns adversários da Igreja apraz insinuar, nem sempre sem parcialidade, que sob a aparência de lutar contra o comunismo, por motivos religiosos, a Igreja o ataca por motivos análogos aos dos capitalistas. A Igreja, dizem alguns, pretende defender uma ordem que na realidade é uma desordem, para conservar seus privilégios e prerrogativas. Tal crítica, incontestàvelmente injusta, resulta de generalização apressada, baseada em abusos que não são nada característicos do Brasil. Mas não deixa de ser verdade que meios avançados reprovam o apoio tácito da Igreja às classes dominantes.

Assim o clero suporta uma situação ambígua de que é mais vítima do que responsável. As classes abastadas aproveitam-se da mínima complacência do clero para proclamarem, por tôda parte, que elas fazem causa comum com êle, clero, na santa cruzada. Ora, a classe abastada é, talvez, a que está mais evoluída no processo de descristianização. De bom grado ornamenta-se

---

(21) Cf. as *obras citadas* na nota (18), *supra* p. 38.

com motivos religiosos, a fim de disfarçar seus verdadeiros motivos de oposição ao comunismo, motivos, aliás, profundamente diferentes: é o primeiro equívoco. Mais ainda, ela sanciona esta pretensa solidariedade, fazendo "boas obras" que o clero aceita com gratidão: é o segundo equívoco. Disso resulta que, involuntàriamente, o clero encoraja a descristianização dos fiéis. Confirma êsses ricos potentes em sua sã consciência, e precipita os humildes num ceticismo respeitoso, mas distante.

Licet ab hoste doceri. Se o comunismo usa, como pretexto para implantar sua doutrina ímpia, injustiças atrozes, podemos, por nossa vez, levar em consideração essas injustiças e encontrar nelas um estímulo para uma ação cristã temporal mais adaptada, mais eficiente e mais convincente. "Nisto todos vos reconherão como meus discípulos: no Amor que tendes uns pelos outros"[22]. O contágio pela caridade pode, ainda hoje, seduzir e arrastar os mais endurecidos corações. Só depende de nós promover êsse testemunho múltiplo e eficaz no seio da sociedade[23].

---

(22) *S. João, 13,* 35.

(23) Esta observação não se aplica sòmente ao problema do comunismo. As monografias reunidas pelo Padre F. Lelotte, *Convertidos do século XX,* trad. de Hoche Luiz Pulcherio, Rio de Janeiro, 1960, evidenciam que grande número de conversões explicam-se mais pelo testemunho vivo da caridade do que pela fôrça dos argumentos aos quais se recorre. E inversamente, em numerosos casos de apostasia.

Nada de timidez na afirmação do cristianismo.

Mais do que nunca, importa que os católicos manifestem, agora, por sua conduta, o caráter construtivo e otimista da sua religião. Nos meios marxistas (e em alguns existencialistas) reprova-se freqüentemente a Igreja por só se interessar com algum desprazer pelas coisas temporais. Aos olhos de alguns, os católicos apenas consideram sua ação temporal como simples meio para obtenção de fins pròpriamente sobrenaturais. Acontece que, de fato, no decurso da História algumas atitudes tomadas pelos cristãos deram crédito a esta opinião. Certamente, o destino do cristão é sobrenatural, começa no tempo, mas desfecha na eternidade. Mas, por ser batizado, o cristão não permanece menos homem, e por conseguinte, não pode, a não ser por covardia, furtar-se às responsabilidades que lhe impõem o momento histórico onde se desenvolve o seu duplo destino. Ora, importa compreender que, longe de se combaterem, essas duas dimensões do destino do batizado se completam[24], pois tôdas as formas de humanismo

---

(24) Cf. Y. de MONTCHEUIL, *Problèmes de vie spirituelle,* Paris, (1950), o capítulo sôbre *Vie Chrétienne et action temporelle,* p. 189-215; R. GUELLUY, *Vie de foi et tâches terrestres,* prefácio de S. Excia. Mgr. GARONNE, (Cahiers de l'actualité religieuse, 12), (Tournai), 1961,

(científico, literário, econômico, etc.), conduzem ao aprofundamento e à multiplicação das relações interpessoais. Aí está o motivo que justifica, incondicionalmente, a participação do cristão nas tarefas temporais, independentemente da questão de sua vocação sobrenatural. Mas quem não vê que esta sensibilidade aos problemas temporais é, precisamente, numa perspectiva cristã, um modo de antecipação, no plano temporal e humano, do destino sobrenatural da humanidade? Tudo que une, no mundo, também esboça, anuncia e faz desejar uma vida comunitária marcada pelo sêlo da graça divina. Desde logo, a duplo título, o cristão é chamado a participar das tarefas temporais. Pode, como homem, dedicar-se sem segundas intenções a tudo que promove e favorece a justiça, o bem estar, a compreensão entre os indivíduos e os povos. E, como cristão, êle terá também um motivo sobrenatural para não se furtar às responsabilidades naturais e humanas, uma vez que a ação temporal bem compreendida favorece a expectativa do homem ao apêlo divino.

---

especialmente o capítulo sôbre *L'intérêt du chrétien aux progrès temporels*, p. 111-138. A. DONDEYNE, *Foi chrétienne et Pensée contemporaine. Les problèmes philosophiques soulevés par l'encyclique "Humani Generis"*, Louvain, 1952, especialmente o capítulo V: *Vie de foi et recherche de l'esprit*, p. 171-213; e a *Conclusão*, p 215-221.

Dito isto, convém acrescentar logo que o católico não deve nunca perder de vista que o "problema social" nunca poderá ser resolvido, de maneira satisfatória, só com o auxílio de considerações puramente naturais, por exemplo: econômicas e políticas. O homem nasce pecador e egoísta, e a solução total do problema social depende do grau de caridade sobrenatural que os batizados conseguirem exprimir através das instituições temporais. Noutras palavras, para o católico, a "questão social" é, antes de tudo, embora não exclusivamente, problema moral e religioso.

Dir-se-ia, no entanto, que, por timidez ou respeito humano, muitos católicos hesitam em assinalar esta profunda diferença, nos princípios doutrinais, que os separam dos "outros", quer dizer, dos não católicos. Ora, alimentar êsse mal entendido é enfraquecer singularmente a fôrça do nosso testemunho. Através da legislação, das organizações, das relações pessoais, êste deve sempre visar exprimir, sem alterações, amor ao próximo e sêde de justiça no mundo. Na medida em que os católicos possuírem, ao mesmo tempo, uma fé suficientemente esclarecida e uma indiscutível competência técnica, poderão ter a certeza de que sua ação temporal, expressão de sua verdadeira caridade, será mais eficaz do que qualquer outra.

Essas considerações implicam diversas conseqüências importantes.

Se o aspecto pròpriamente religioso do problema social deve eficazmente presidir a tôda ação dos católicos, êstes devem desistir de "flertar" com movimentos de doutrina mais ou menos ambígua, sob pretexto de lutar contra o comunismo. A Igreja não pode esperar muito de uma colaboração com movimentos de ortodoxia mais ou menos suspeita. A tentação de dar a mão a certos movimentos, como por exemplo o "Rearmamento Moral", pode ser grande; daí a confusão que esta "política da mão dada" pode estabelecer entre os próprios católicos[25], espe-

---

(25) No Brasil, êste perigo não é nada ilusório. Veja-se como o "Rearmamento Moral" explora certas atitudes ou declarações de católicos de projeção. Aliás, convém reconhecer que as atitudes ou declarações que se lhes emprestam, nem sempre são isentas de todo equívoco. Ver *MRA. Revista Ilustrada do Rearmamento Moral*, n.º 25, 1961, pp. 10, 11, 12, 15, 27, 28. O "credo" mínimo, na base do qual deve realizar-se a união de todos, é resumido na p. 24: "Nêste mundo existem duas ideologias: uma com Deus, a outra sem Deus. Quanto mais observo, mais me convenço de que o Rearmamento Moral é a ideologia certa para o mundo inteiro. Todos nós podemos aceitá-la. Estabelecerá uma paz verdadeira. À medida que essa ideologia se propague, o comunismo irá desaparecendo do mundo. Qualquer que seja o progresso feito pela ciência, inclusive na conquista do espaço, sòmente com o Rearmamento Moral é que a humanidade encontrará a paz verdadeira e a felicidade. Honestidade, pureza, altruísmo e amor absoluto serão como um sol glorioso que iluminará o mundo inteiro". E a *única* verdadeira Igreja? E os meios de salvação que sòmente Ela possui para lutar contra o pecado, fonte de todo o

cialmente os mais simples. Mas cair nesta tentação equivale a favorecer um clima bastante equívoco. De fato, a atitude da Igreja frente ao comunismo é ditada, fundamentalmente, por motivos doutrinais exclusivos, motivos êsses que, apesar de certas semelhanças superficiais, não são os do Rearmamento Moral[26]. Outrossim, a Igreja dispõe de meios sobrenaturais, aos quais é a única a ter acesso, e que são os únicos capazes de atacar o mal pela raiz. Alianças dêsse gênero contra um adversário comum arriscam a serem pagas, mais cedo ou mais tarde, com concessões no plano doutrinal.

Em seguida, é preciso estarmos prontos a renunciar a tôda forma de clericalismo, já que é supérfluo. No domínio que nos interessa, isto significa que, a exemplo dos próprios Soberanos Pontífices, devemos deixar de propor, invocan-

---

mal? Sôbre o Rearmamento Moral, ver: Card. L. J. Suenens, *Que faut-il penser du Réarmement moral?* Paris-Bruxelas, (1953), 151 p. ID., *Le Réarmement moral. Ses succès et ses techniques*, em *Le Christ au Monde*, vol. I, n.º 5, 1956, p. 111-126; Maurice Guerin, *Le réarmement moral*, em *Chronique sociale de France*, número sôbre *Sectes et mouvements religieux*, 60.º ano, n.º 5-6, novembro-dezembro 1952, p. 516-521; ver também os documentos do Magistério, publicados na *Documentation catholique*, n.º 1199, 15 de maio, 1955, col. 606; n.º 1330, 19 de junho de 1960, col. 787 s.

(26) O semanário *La France catholique* publicou recentemente três artigos que resumem as posições doutrinais católicas em face do comunismo, e que indicam os imperativos daí decorrentes no plano apostólico e pastoral. Ver Jean Daujat, *L'Eglise en présence du communisme*, no *semanário citado*,, 13, 20 e 27 de abril 1962.

do motivos sobrenaturais, soluções que não competem ao domínio sobrenatural. Sejamos concretos: os Papas recomendam que os operários recebam salário justo, mas não indicam em parte alguma como calcular êste salário; é aqui que intervirá o economista cristão. É necessário, portanto, expor claramente os princípios evangélicos e morais que presidem a ação social, política e econômica. Feito isto, é preciso confiar nos leigos, respeitar-lhes a autonomia da ação, na medida em que dependa de técnicas próprias(27). É por isso que, salvo em casos excepcionais, não convém que o próprio clero dirija diretamente organizações sindicais.

Enfim, frente aos próprios comunistas, é preciso abandonar tôda atitude de ódio (28). Tal

---

(27) "A Igreja recusa-se a intervir em questões meramente econômicas, sociais, jurídicas e políticas. São questões que fogem à sua competência... Pertence aos cristãos de cada lugar ou região determinarem-se, sob sua responsabilidade, em questões políticas, econômicas, sociais, estabelecendo as normas práticas de ação e escolhendo a solução do momento." Domingos CRIPPA, *Doutrina Social da Igreja. I — Considerações Introdutórias ao Estudo e à Aplicação da Doutrina Social da Igreja,* em *Convivium,* 1.º ano, n.º 1, vol. 1, maio de 1962, p. 13-31; cf. p. 21 e 30.

(28) Nêsse particular, a delicadeza de S. S. JOÃO XXIII ante os comunistas, na encíclica *Mater et Magistra,* constitui um exemplo que os católicos deverão seguir doravante. "...Sans retirer les condamnations nécessaires, (L'Encyclique *Mater et Magistra*) ne voudrait laisser qu'une impression de bonté compréhensive, accueillante et encourageante pour tout homme de bonne volonté." A. TILLET, em *L'Ami du Clergé,* 72.º ano, n.º 22, 31 maio 1962, p. 339.

atitude é perfeitamente estéril. Se queremos combater o comunismo com armas que nós, aliás, reprovamos, somos, de início, vencidos. Desde que se trate de gritar, reivindicar, ameaçar, injuriar, excitar, os católicos devem ser mais escrupulosos, mais moderados que seus adversários. Esta atitude opõe-se, igualmente, ao espírito do Evangelho. Certamente ser-nos-á difícil assumi-la, uma vez que temos inúmeros mártires e sabemos a que preço alguns de nossos irmãos confessam a nossa fé. Mas a caridade recomendada por Cristo deve estender-se até nossos inimigos e perseguidores [29]. Temos o dever imperioso de ver nos comunistas almas a conquistar. Sem dúvida, estão confiados a um falacioso messianismo, a uma pseudo-religião que tenta, além do mais, difundir a ilusão de uma felicidade puramente terrena. Mas não podemos estender aos comunistas as invectivas que merece, justamente, a doutrina por êles professada. Seria hipocrisia de nossa parte rezar todos os dias pela Rússia, se continuássemos a considerar os comunistas simplesmente como nossos inimigos, e nossa atitude refletiria profunda falta de fé, se os colocássemos entre parênteses nos nossos projetos missionários.

---

(29) *S. Mateus*, 5, 44; *S. Lucas*, 6, 27 e 35.

Em resumo, achamos que uma atitude principalmente defensiva não se justifica[30]. As circunstâncias não a impõem de forma alguma, e menos ainda a doutrina. Ao contrário, pensamos que os católicos brasileiros poderiam inspirar e orientar todo o movimento de emancipação social. Acabamos de indicar as prevenções de que precisam livrar-se para estarem em condições de o fazer. Resta-nos evocar as tarefas urgentes, indispensáveis, que esta conquista supõe.

POR UM APROFUNDAMENTO DOUTRINAL

À luz das considerações precedentes, a ameaça comunista no Brasil pode ser considerada como um estímulo para a reflexão e para a vida cristã. Em que sentido?

A reflexão filosófica e teológica.

Num país desejoso de não abandonar seu desenvolvimento aos caprichos das circunstâncias, uma reflexão filosófica sôbre os problemas do desenvolvimento é indispensável. Ora, está claro

---

(30) A necessidade de uma atitude construtiva diante da ameaça comunista foi frisada recentemente por Dom Helder Câmara, no discurso de agradecimento proferido na ocasião da entrega do "Prêmio René Sand", que lhe foi conferido na *XI Conferência Internacional de Serviço Social,* em Quitandinha, a 22 de agôsto de 1962.

que uma das tentações dos atuais filósofos brasileiros consiste em interpretar a realidade nacional através de esquemas marxistas. O número de publicações de inspiração marxista que trata da história política, econômica, cultural do Brasil aumenta sem cessar[31]. A influência marxista, hàbilmente dissimulada há alguns anos, perde pouco a pouco timidez. Ora, nada *a priori* autoriza pensar que as categorias do pensamento marxista sejam as únicas capazes de explicar a História do Brasil e sua situação presente. Mas também, enquanto, de fato, os estudos de inspiração marxista dominarem o mercado intelectual brasileiro, quer pelo número, quer pela qualidade, imporão esta contraverdade, a saber, que *sòmente* uma filosofia de inspiração marxista pode dar a chave que permita compreender a realidade brasileira no seu passado e no presente, ofertando-lhe projetos a se realizarem no futuro. Só há um meio de cortar pela raiz esta

---

(31) O pioneiro dêste gênero de estudos é bem conhecido; trata-se do Sr. Caio PRADO JÚNIOR, o qual publicou diversas obras nêsse sentido. A influência marxista se nota também em outras publicações. Ver, por exemplo: Álvaro VIEIRA PINTO, *Consciência e Realidade nacional*, t. I: *A consciência ingênua;* t. II: *A consciência crítica*, (Ministério da Educação e da Cultura, Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Textos brasileiros de Filosofia, 1) Rio de Janeiro, 1960, respectivamente 438 e 639 p.; Nelson WERNECK SODRÉ, *Formação histórica do Brasil*, (São Paulo, 1962), 417 p.; a coleção "*Cadernos universitários*", a dos "*Cadernos do Povo brasileiro*", começadas em 1962, etc.

pretensão do marxismo: opôr-lhe outras interpretações mais válidas dessa mesma realidade nacional, mostrar que a interpretação marxista dos fenômenos econômicos é hoje obsoleta, estabelecer que a transplantação do marxismo no Brasil seria a pior alienação ideológica possível, e enfim elaborar uma antropologia preocupada com o respeito e a promoção da pessoa humana[32]. Nessa perspectiva, os estudos de filosofia da história tornar-se-ão cada vez mais importantes: para responderem a uma necessidade imperiosa da época em que vivem, é imprescindível que os tomistas brasileiros re-pensem e apresentem a doutrina das "essências" e das "naturezas" em têrmos mais "existenciais" e mais dinâmicos[33]. Isto para o filósofo.

Naturalmente, êsses estudos filosóficos serão continuados e completados por uma teologia do

---

(32) Além dos estudos indicados na nota (69) p. 87, ler-se-á também a pertinente brochura de Ch. de Koninck, *Notre critique du communisme est-elle bien fondée?*, (Les Presses universitaires, Laval), Québec, (1950).

(33) Nêsse domínio, os estudos do Padre Henrique Vaz sòmente merecem críticas construtivas. Ver os textos reunidos em *Christianismo de Hoje*, (Cadernos de Hoje, 1), (Rio de Janeiro), (1962) p. 53-108. Ver também o nosso artigo *Tarefas e Vocação da Filosofia no Brasil*, na *Revista Brasileira de Filosofia*, vol. XI, fasc. 41, janeiro-março de 1961, p. 61-89.

desenvolvimento e, em particular, por uma teologia do trabalho[34] e mesmo do urbanismo[35], capaz de fundamentar um verdadeiro humanismo cristão que responda às circunstâncias particulares do Brasil de hoje[36]. Vê-se logo a seguir, que não se trata simplesmente de traduzir trabalhos estrangeiros sôbre o assunto: o problema é bem mais complexo. Trata-se de, partindo de um estudo concreto da realidade nacional e respeitando a sua originalidade, ver como nela inserir os valôres universais da religião e de um humanismo autênticamente cristão[37].

---

(34) Sôbre a filosofia e a teologia do trabalho: M. D. Chenu, *Spiritualité du travail,* (Etudes religieuses), Liège, 1947; J. Vialatoux, *Signification humaine du travail,* Paris, (1953); Revista *Lumière et Vie,* n.º 20, março de 1955: *Réflexions sur le Travail;* H. Arvon, *La philosophie du Travail,* (Initiation philosophique, 47), Paris, 1961.

(35) Ver as diversas obras de J. Laloup e J. Nelis, *Hommes et Machines. Initiation à l'humanisme technique; Communauté des hommes. Initiation à l'humanisme social; Culture et Civilisation. Initiation à l'humanisme historique,* (Trad. portuguêsa no prelo, Herder), Tournai-Paris, respectivamente 1953, 1955, 1955. Cf. também: *Vers une civilisation urbaine,* cadernos *Recherches et débats,* n.º 38, março de 1962.

(36) Sôbre os problemas teológicos e pastorais latino-americanos, encontram-se reflexões judiciosas e sugestões concretas no livro de José Comblin, *Echec de l'Action catholique?,* (Chrétienté nouvelle), Paris, (1961), *passim*.

(37) Cf. as reflexões de Frei Thomas Cardonnel, em *Cristianismo Hoje,* (Cadernos de hoje, 1), (Rio de Janeiro), (1962), p. 17-51. Ver também A. Dondeyne, *o. c., loc. cit.*

Notemos enfim que, normalmente, êsses estudos filosóficos e teológicos repercutirão em todos os outros domínios do saber e da ação. Se os católicos brasileiros quiserem livrar a cultura brasileira do agravo de alienação, e a universidade brasileira do de alienadôra, não há outro caminho. Lembremo-nos, nêste particular, da grave advertência, feita há anos por S. Eminência o Cardeal Motta:

> "No Brasil, um grande mal social tem sido o abstencionismo ou absenteísmo, dos católicos, sobretudo dos intelectuais católicos, nos negócios, nos assuntos, nos fatos, da coisa pública. Ou seja por comodismo egoístico, ou seja por uma tática contraproducente, a ausência dos católicos na vida social, na direção da opinião pública e na formação da consciência moral do povo, tem sido fatal para a Igreja e a Pátria"(38).

O estudo da doutrina social da Igreja.

Nesta perspectiva, o estudo dos documentos pontifícios em matéria social se reveste de capital importância. Ainda aqui, importa bem compreender. Que verificamos hoje nêsse domínio? Que uso se faz dessa doutrina? Mais vale reconhecer sem delongas: as encíclicas são atual-

---

(38) *Prólogo* de S. Eminência o Cardeal MOTTA à *Missão do Intelectual,* Rio de Janeiro, 1952, p. 5 s.

mente fontes de confusão para os espíritos. Todos se servem delas: tanto católicos "progressistas" como "conservadores", tanto agitadores socialistas quanto capitalistas liberais[39]. Em vez de ser o traço de união entre os cristãos, as encíclicas tornaram-se pomo de discórdia; em vez de esclarecer, alimentam confusões. Enquanto tais debates só opõem católicos a católicos, o risco corrido não é tão grande: supõe-se que estejam dispostos a submeter-se, incondicionalmente, à única interpretação autorizada dêsses documentos, quando o magistério da Igreja a isso os convidar. Mas fora do meio católico? Assistimos, com pena, à vergonhosa deturpação dêsses documentos. Pérola jogada aos porcos. Os líderes comunistas tentam o impossível para reduzir o ensinamento pontifício à sua ideologia puramen-

---

(39) "Pena é que a falta de visão de uns e a sistemática oposição de outros pretendam ignorar, confundir ou menosprezar tais iniciativas (*i. é,* a divulgação, pela Igreja, da sã doutrina e o empreendimento de iniciativas de grande alcance), ou, quem sabe, jungi-las ao carro da demagogia ou aos interêsses da política e das fôrças econômicas. (...Entretanto... a Igreja) saberá seguir o seu caminho, sem desviar-se nem para o duro e esmagador ateísmo do comunismo, nem para o maleável e frouxo ateísmo de um sistema capitalista não menos condenável." *Mensagem da Comissão central da Conferência nacional dos Bispos do Brasil,* Rio de Janeiro, 14 de julho 1962. O texto da *Mensagem* encontra-se no *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil,* publicada pela CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, Rio de Janeiro, 1962, 72 p. (Abreviação: *Plano de Emergência...*). O texto da nossa citação está na p. 51.

te terrena; os capitalistas rebeldes a todo progresso querem achar nêle a suprema garantia de seus privilégios. Jornais tanto da esquerda quanto da direita, mas não católicos, erigem-se, não se sabe com que direito, em intérpretes soberanos dessa doutrina. Usurpam assim um direito que não lhes pertence. E como só reconhecem no Soberano Pontífice uma autoridade humana, o essencial da mensagem social cristã, i. é, o seu aspecto religioso, lhes escapa totalmente. Parece que aí está uma grande tentação para a Igreja no Brasil: a de ver sua doutrina social escapar-lhe das mãos e reduzir-se a papel de instrumento destinado a garantir situações adquiridas, ou a promover revoluções. Num país herdeiro de um passado cristão, é normal que por utilitarismo religioso, grupos políticos e econômicos pensem em recorrer à doutrina social da Igreja, considerada quer como favorável, quer como oposta ao comunismo [40].

---

(40) Ver as reflexões de H. DUMERY, em *Les trois tentations de l'apostolat moderne*, Prefácio do Cardeal SALIEGE, (Rencontres, 28), Paris, 1948, p. 52-59. No mesmo sentido, ver J. VIEUJEAN, *La religion vivante*, (Cité chrétienne), Tournai-Paris, 1954, p. 174-179. A título de exemplo, citemos o editorial de *O Estado de São Paulo* do dia 18 de dezembro de 1962, p. 3: "Sabem quantos nos lêem a importância que atribuímos à posição da Igreja Católica no Brasil em face da gravíssima situação que o País atravessa. *Consideramo-la a última barreira que a Nação pode oferecer à revolução comunista em marcha.* Se a Igreja nos falhasse (*sic*) nesta hora crucial para a humanidade, tudo estaria irremediàvelmente perdido." (Os grifos são nossos).

É, pois, importante que os católicos, e em particular o clero, não se deixem iludir por todos êstes intérpretes inautênticos e improvisados, que fazem questão de citar os Papas, mas nunca põem os pés na igreja, e só levam em conta a felicidade terrena do homem. Se os católicos têm dúvida quanto à interpretação de determinada doutrina, sabem que devem dirigir-se à hierarquia, ao magistério da Igreja, e não a qualquer outra fonte.

Dito isso, é necessário indagar que uso devem os católicos fazer dos ensinamentos pontifícios em matéria social. Ao final de contas, são êles que nos fornecerão os princípios que nos devem permitir julgar do valor religioso e moral de determinada doutrina social. São êles ainda que nos devem fornecer os princípios de uma reflexão voltada para a ação. Ora, se os princípios morais não mudam, o dado social concreto, onde os princípios têm seu ponto de aplicação, varia segundo o lugar e pode evoluir. Colocando-se ao nível dos princípios, os documentos pontifícios não levam em consideração, de modo minucioso, essas circunstâncias mutáveis. Não preconizam nenhuma organização particular que os católicos deveriam realizar, de modo uniforme, apesar da diversidade de circunstâncias. Os Papas jamais explicaram, como economistas, o que deve ser a propriedade privada, a reforma agrá-

ria, nem suas diversas modalidades possíveis, de acôrdo com os princípios por êles enunciados [41]. Não expõem a organização "ideal" de um sindicato, nem traçam normas "ideais" para a co-gestão. Quando se trata de questões pròpriamente técnicas, a hierarquia, depois de haver lembrado os deveres positivos dos cristãos, sugere sem impor.

Segue-se que em cada país, em cada região, em cada cidade, a situação social concreta deve ser estudada, cuidadosamente, por economistas e sociólogos. Sôbre esta base precisa, os ensinamentos pontificais poderão ser aplicados. Sem ela, arriscam a tornarem-se meramente acadêmicos. Em outros têrmos, a doutrina social da Igreja permanecerá ineficaz, inútil e não convincente enquanto os católicos, lealmente, não fizerem tudo o que podem para promovê-la em sua ação. S. S. João XXIII é bastante explícito sôbre êsse ponto:

---

(41) "Uma coisa é certa: tanto João XXIII, como os seus predecessores, não escreveram para defender esta ou aquela doutrina econômica, êste ou aquêle regime político, mas para orientar os católicos e todos os homens que quiserem ouvi-los, nas soluções dos problemas sociais de acôrdo com as exigências da doutrina moral do cristianismo. As Encíclicas sociais não são tratados de Economia ou de Sociologia, mas ensinamentos de valor religioso e moral, aplicações particulares da doutrina geral da Igreja, no campo econômico e social". Domingos Crippa, *art. cit.*, p. 15.

"Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinàriamente por três fases: estudo da situação; apreciação da mesma à luz dêsses princípios e diretrizes; exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: *ver, julgar* e *agir.*

Convém, hoje, mais do que nunca, convidar com freqüência os jovens a refletirem sôbre êstes três momentos e a realizarem-nos pràticamente, na medida do possível. Dêste modo, os conhecimentos adquiridos e assimilados não ficarão, nêles, em estado de idéias abstratas, mas torná-los-ão capazes de traduzir na prática os princípios e as diretrizes sociais."(42).

Seria, pois, ilusório esperar-se de uma divulgação, de certa forma desencarnada da doutrina social da Igreja, a renovação da sociedade. Esta doutrina deve ser vivida, encarnada por cristãos que unam sua ação dentro de movimentos organizados. Seria honesto defender os direitos da propriedade privada se, ao mesmo tempo, quase nada se fizesse para multiplicar o número de proprietários?

---

(42) S. S. João XXIII, *Encíclica "Mater et Magistra"*; col. Documentos pontifícios, n.º 135, ed. Vozes, Petrópolis, n.º 232 s., p. 54.

Purificar a religião.

Os benefícios de estudos dêsse gênero não tardariam em recair sôbre o conjunto da população cristã. Os pobres, que conservam, no Brasil, um impressionante senso de Deus, não tardariam em beneficiar-se com isso. Aí está, novamente, um elemento de grande importância. De fato, a religião tal qual é *vivida* (não dizemos *ensinada*) por parte da população é cada vez mais denunciada por intelectuais já afastados da Igreja, como fator de estagnação social [(43)]. Católica ou não, reprovam a religião por não se ostentar suficientemente como fermento de progresso. É por isso que em alguns casos ela escandaliza. Aos olhos de muitos, aparece como refúgio providencial para as misérias dêsse mundo. Diz-se, às vêzes, que a intervenção miraculosa, que a massa se dispõe a reconhecer fàcilmente, é o paliativo maravilhoso que provê às nossas fraquezas e à infelicidade desta vida. Tal religião, mais cultual que dogmática, mais epidérmica que profunda, mais maravilhosa que razoável, mais receptiva que oblativa, não resistirá durante muito tempo às críticas dos sociólogos e dos filósofos, marxistas ou não.

---

(43) No Brasil, estas críticas são ainda relativamente tímidas na literatura de inspiração marxista. Muitas vêzes, se misturam com críticas oriúndas dos meios "cientistas" ainda sobreviventes aqui.

Ora, muitos dirigentes, ricos e intelectuais, já se afastaram e se emanciparam dessa religião. *Ipso facto*, se despojaram de boa parte dos escrúpulos morais que lhes restavam. Sua religião é a do dinheiro e dos prazeres. A êstes também a religião deve ser apresentada com tôdas as suas exigências e com todo o seu otimismo.

Mas como a massa não é aguerrida e seus princípios morais não têm a robustez de sua fé, acontece que, nisso, ela marcha lado a lado com as classes privilegiadas. Por conseguinte, é urgente que todos os católicos se unam para denunciar êstes males que são a prostituição, a pornografia, o alcoolismo, o uso de entorpecentes. Pois, além de instilarem no homem o pecado, são fatôres que enfraquecem sobremaneira as fôrças da resistência e da reação contra o perigo comunista [44].

Em suma, é necessário denunciar a impostura de um humanismo prosaico e puramente temporal, e mostrar que a felicidade integral do homem não se adquire sem o senso de sacrifício. É preciso mostrar que essa ascese desfecha numa religião de generosidade na qual o homem

(44) "Cinéma érotique et anticonceptionnisme sont parmi les chapitres les plus importants du bilan de l'action occidentale près des pays insuffisament développés". L. J. LEBRET, *Le Drame du siècle. Misère, Sous-développement, Inconscience, Espoir*, Paris, (1960), p. 124. (Há tradução portuguêsa, Ed. Duas Cidades).

se descobre colaborador de um Deus que, por ser transcendente, não deixou por isso de inserir sua obra na História.

POR UMA PASTORAL REALISTA

Os dois Brasis.

Em livro célebre [45], Jacques Lambert sublinhou impressionante contraste existente, ainda hoje, entre o Brasil "arcaico" e o Brasil "moderno". Ora, a coexistência de dois "Brasis" profundamente diferentes apresenta graves problemas para a pastoral. Nesta entidade geográfica que é o Brasil, coexistem dois tipos de civilização, que não têm nem o mesmo estilo de vida, nem sobretudo, o mesmo rítmo de desenvolvimento. Ao lado do Brasil "rural" ou "colonial" das grandes fazendas isoladas, surgiu o Brasil "urbano" [46] e industrial. Esta dualidade dá lugar a dois tipos de nacionalismo profundamente diferentes: um, nascido do rancor deixado pelas lembranças das

---

(45) Jacques LAMBERT, *Os dois Brasis*, Rio de Janeiro, 1959.

(46) O fenômeno urbano na América latina, e em particular no Brasil, foi estudado por Jaime DORSELAER e Alfonso GREGORY, em *La Urbanización en América latina*, t. I: *Descripción del fenómeno de urbanización en América latina*, (Estudos sociológicos latino-americanos, 2-3), Friburgo (Suiça) — Bogotá — Bruxelas, respectivamente 192 e 98 p.

humilhações passadas ou presentes, e, portanto, susceptível e inquieto; o outro baseado nas fulgurantes realizações econômicas e industriais dos últimos cinqüenta anos e, portanto, otimista e estimulante.

Ora, uma das constantes da atual tática comunista consiste em explorar o primeiro tipo de nacionalismo, que vem a ser simples ampliação — não prevista por Marx — da teoria da luta de classes. Na literatura brasileira de inspiração comunista, esta ampliação se manifesta de dois modos bastante diferentes. O primeiro, e mais conhecido, consiste em repetir invariàvelmente, por exemplo, que o Brasil é "vítima do imperialismo norte-americano". Mas, por outro lado, ouve-se dizer cada vez mais freqüentemente que as regiões desenvolvidas do Brasil exercem análogo imperialismo em face das regiões atrasadas e, até mesmo, que o Brasil moderno e industrial não quer o progresso do Brasil "arcaico", — pelo contrário, opõe-se a êle.

Êste é o mais grave problema interior que se apresenta atualmente no Brasil. Êle diz respeito a todo o futuro do país e, particularmente, a seu futuro religioso [47]. Com efeito, nada permite prever *a priori* que o nacionalismo "otimis-

---

(47) Cf. Dom Agnello Rossi, *A Igreja e o Nacionalismo*, em *Síntese Política, Econômica, Social*, II.º ano, n.º 7, julho-setembro 1960, p. 29-33.

ta" conseguirá, forçosamente, impor-se ao outro. Nada permite afirmar *a priori* que o Brasil "moderno" conseguirá impor seu rítmo de desenvolvimento ao Brasil "arcaico". Tudo depende de saber se o Brasil moderno terá suficiente vitalidade para arrastar o resto do país no seu trilho.

Pensamos que se o Brasil "moderno" conseguir realizar esta façanha, a implantação do comunismo no Brasil estará pràticamente desviada. Em outros têrmos, *humanamente falando*, a mais sólida barreira contra o comunismo no Brasil é a mobilização de tôdas as capacidades, o emprêgo de todos os recursos humanos e naturais, com o fito do desenvolvimento integral e homogêneo de todo o país [48].

---

(48) A propósito do desenvolvimento, das suas dificuldades, das suas condições, a literatura é considerável. Ver a obra já clássica de L.-J. LEBRET, *Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente? Problemas Fundamentais de nossa Civilização*, trad. de Benevenuto de SANTA CRUZ, São Paulo, 1960, 390 p.; cf. especialmente a bibliografia p. 373-379. Consultar-se-á também W. W. ROSTOW, *Etapas do Desenvolvimento Econômico. (Um manifesto não-comunista)*, (Biblioteca de Ciências sociais), trad. de Octávio ALVES VELHO, Rio de Janeiro, (1961). Ver ainda F. PERROUX, *L'économie des jeunes nations. Industrialisation et groupements de nations*, Paris, 1962, 252 p. No tocante à América latina, ver *Aspectos sociales del desarrollo económico en América latina*, vol. I, que reúne diversos trabalhos publicados por E. DE VRIES e J. M. ECHAVARRÍA, 446 p., ed. da UNESCO, (Paris, 1962), 446 p.. No Brasil, destacam-se os estudos de Celso FURTADO, *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, bem como *Formação Econômica do Brasil*, ambos publicados na "Biblioteca Fundo Universal de Cultura", Rio de Janeiro, (1961), respectivamente 268 e 279 p.

A Igreja não pode permanecer alheia a esta preocupação pelos dois motivos já assinalados: porque dispõe no Brasil de considerável fôrça moral e porque um humanismo bem compreendido abre os corações à mensagem cristã. Ao contrário, uma omissão por parte dos católicos arriscaria *em todo caso* produzir conseqüências desastrosas para o futuro da Igreja. Se o nacionalismo mesquinho levasse de vencida, a porta estaria aberta para o regime comunista; e se o desenvolvimento se fizer à margem da Igreja, a porta estará aberta para um materialismo prático, semelhante ao existente nos países escandinavos(49).

Resta-nos ainda mostrar a oportunidade única que os católicos não devem perder, a prêço algum, porque é um "perde ou ganha". Noutras

---

(49) Sôbre os diversos problemas que tratamos aqui, possuímos um documento de capital importância: o *Plano de Emergência...* já citado. Cf. também Dom José TÁVORA, *A Igreja e o Desenvolvimento do Brasil,* em *Síntese Política, Econômica, Social,* II.º ano, n.º 7, julho-setembro, 1960, p. 34-39, bem como o n.º 15 da *referida revista,* IV.º ano, julho-setembro, 1962, sôbre as *Reformas de Base.* Os mesmos problemas, estudados na perspectiva da América latina em geral são tratados por diversos autores no notável número especial da revista *Mensaje* (Santiago de Chile), n.º 115, dezembro de 1962, sob o título de *Revolución en América latina. Visión cristiana.*

palavras, quais são os pontos nevrálgicos[50] que presidem ao desenvolvimento e sôbre os quais se deve exercer a ação da Igreja? Quais são os benefícios religiosos decorrentes normalmente dessa ação?

Agir ao nível das classes laboriosas.

Atualmente já não se trata de se manter em tímida espectativa; é preciso tomar a dianteira. Isto significa muita coisa. Antes de tudo, lutar contra o analfabetismo. Êsse flagelo que acompanha a miséria constitui atualmente fator favorável ao desenvolvimento do comunismo. Eliminá-lo, é contribuir a longo prazo para a eliminação da miséria. É também prevenir a instalação do comunismo, *desde que* se complete êste trabalho de educação de base pela constituição de movimentos de emancipação integral, inspirados no cristianismo[51]. Sem isso, como assinalou

---

(50) O problema da formação dos leigos, de que vamos tratar agora, foi objeto de um estudo notável do Padre F.-H. Lepargneur: *Laïcat adulte: Premier problème de l'Eglise en Amérique latine*, em *Nouvelle Revue théologique*, t. 83, n.º 10, dezembro 1961, p. 1051-1080. O autor refere-se principalmente ao caso do Brasil; daí o interêsse especial do seu estudo. Ver também H. Rollet, *L'engagement temporel du laïc*, (Questions posées aux catholiques), (Toulouse, 1962), especialmente as p. 60-120.

(51) Portanto a Igreja não deve teimar em pôr as suas esperanças nas classes que estão subindo. Segundo o Sr. Claude Julien (*o.c.*, p. 204), a Igreja, em Cuba, de-

judiciosamente Monsenhor Cardijn durante recente viagem a S. Paulo, a alfabetização seria um canal nôvo — e quão precioso — pelo qual o comunismo poderia introduzir-se.

Paralelamente a êsse trabalho de alfabetização que, verdade seja dita, só é um primeiro passo, seria preciso multiplicar em todo o país o número de escolas técnicas, especialmente agrícolas, capazes de formar os numerosos técnicos requeridos pelo desenvolvimento do país.

Completar êste trabalho de educação de base significa ainda que, ao invés de temer a união das massas laboriosas, padres e leigos formados deveriam promovê-la, dando-lhe a orientação conveniente[52]. Com esta afirmação não pretendemos de forma alguma duvidar da simpatia do povo pelo seu clero, nem duvidar da simpatia do

---

dicara-se, principalmente, à classe média, relativamente pouco numerosa. A evangelização do pequeno grupo operário e da maioria camponesa tinha sido negligenciada. Se assim fôr, compreende-se fàcilmente que os operários e os camponeses pouco se deixaram levar por escrúpulos doutrinais, quando foi hàbilmente solicitada sua adesão à ideologia marxista, diante da qual, forçosamente, não tinham muitas prevenções.

(52) Dom Alfred Ancel publicou diversos opúsculos ao alcance do público popular sôbre êsses diversos problemas. Além de *O Movimento Operário* (trad. de Paulo Lacerda, Rio de Janeiro, 1958, 141 p.), seria oportuno que se divulguem traduções de *Le communisme et les paysans*, (Lyon, 1946), *L'Eglise et la classe ouvrière*, (Lyon, 1949), *Le problème ouvrier* (Lyon, 1951), *La mentalité ouvrière* (Lyon, 1953), *Les ouvriers et la religion*, (Saint-Etienne — Lyon, s.d.).

clero pelo povo. É evidente que a maioria dos padres é accessível à mentalidade operária; êles compreendem os operários. Mas, no geral, tal compreensão só se dá no âmbito das relações interindividuais e pouco no das organizações operárias como tais [53]. Ouvimos mais de uma vez confidências de alguns operários que começam a perceber com surprêsa, às vêzes com pena, a inconseqüência entre a atitude benevolente dos padres para com êles em particular, e a atitude reticente, e às vêzes hostil, em face de tudo o que é associação operária, por exemplo sindical [54]. Observações análogas aplicam-se, evidentemente, às associações de camponeses.

Convenhamos: isso não será sempre fácil; haverá rangidos e choques. Mas, além do benefício pròpriamente social e temporal daí resultante, esta atitude contribuirá para a religião penetrar na vida quotidiana das massas. Com efeito, a observação prova que, bem orientadas, essas associações não só não favorecem o comunismo, mas são um obstáculo para seu estabelecimento. Os países onde o comunismo tem menos aceitação são os que possuem as mais fortes e bem estruturadas organizações operárias:

---

(53) Ver as obras *supra-citadas*, nota (18) p. 38.

(54) Precisamente nêsse domínio, experiências interessantíssimas estão sendo realizadas na América Latina. Ver o "dossier de la quinzaine" das *Informations catholiques internationales*, n.º 146, 15 junho, 1961, sob o título *Le syndicalisme chrétien en Amérique latine*, p. 17-28.

por exemplo a Escandinávia, Suíça, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Países Baixos, U.S.A.. No norte da Itália é que o comunismo tem obtido menos êxito: as associações operárias aí são mais bem organizadas.

Mas por que evocar tais exemplos, se temos diversos surpreendentes no Brasil? Em S. Paulo, durante os últimos anos eclodiram diversos conflitos sociais. Durante um dêles, dois bispos, um dos quais Sua Eminência o Cardeal Motta, tomaram partido precisa e corajosamente, manifestando clara e profunda compreensão dos problemas da população operária [55]. Apesar das aparências, o que há de mais importante nas greves a que aludimos, não são os motivos que as provocaram nem mesmo as felizes ou infelizes conseqüências que produziram. A falar verdade, o resultado mais importante, embora muito pouco espetacular, é o de ter, provàvelmente, marcado o comêço de profunda transformação psicológica na mentalidade operária. Queremos dizer, que, *sob impulso da hierarquia e apoiado por ela,* número apreciável de operários, pertencentes a diversos setôres da indústria, está em vias de tomar *consciência de constituir uma classe.* Isto é fatal numa civilização industrial e urbana;

---

(55) Ver a carta dirigida por S. Eminência o Cardeal MOTTA ao Dr. Mário CARVALHO DE JESUS, em *A primazia do Trabalho sôbre o Capital na "Mater et Magistra",* (São Paulo), 1961, p. 11 s.

tudo consiste em saber de onde parte o impulso. Grande oportunidade explorada pela Igreja, e da qual os comunistas não souberam se aproveitar. Aliás, não é mistério para ninguém que os comunistas tentaram em vão solapar esta iniciativa tão decidida quanto esclarecida. Não se poderia subestimar o benefício desta atitude para a causa da Igreja no operariado brasileiro [56].

Outro exemplo vem do Rio Grande do Norte. Nas dioceses de Mossoró, Caicó e Natal, o episcopado tomóu em mãos vasto movimento de luta contra a miséria nos meios camponeses [57]. Todo o povo está engajado nêle: luta-se em tôdas as frentes: econômica, social, cultural, educacional, sanitária e, bem entendido, religiosa. Ora é precisamente nessa região que o líder Francisco Julião encontra menos sucesso para suas Ligas Camponesas. Iniciativas semelhantes estão sendo realizadas por D. José Távora na região de Aracaju, e por D. Fernando Gomes na região de Goiânia. Felizmente, poderíamos citar diversos outros exemplos; mas o que importa é

---

(56) A revista norte-americana *Time*, pouco suspeita de "esquerdismo", falou dêste movimento com simpatia na sua edição de 8 de junho de 1962, p. 23.

(57) Sôbre a reforma agrária no Brasil, a literatura é abundante, mas de caráter amiúde apaixonado. Princípios claros foram expostos com serenidade por Dom Eugênio de ARAÚJO SALES, *A Igreja e a Reforma Agrária Brasileira*, em *Síntese Política, Econômica, Social*, II.º ano, n.º 7, julho-setembro 1960, p. 40-46.

que essas iniciativas se generalizem e que haja coordenação entre elas[58].

Para isso é necessário dispor de dirigentes. Mas onde encontrá-los, senão entre os próprios operários? Contudo a formação de um dirigente operário não pode ser improvisada em alguns meses. Onde recrutar os candidatos? Sem dúvida, entre os jovens que tenham recebido formação pessoal, e iniciação prática para a ação em organizações católicas especializadas. A respeito disso, pensamos que a Igreja pode depositar inúmeras esperanças nos atuais jocistas: êsses jovens serão os mais indicados para tirar maior proveito dessa iniciação nos problemas do apostolado social. Sem isso, nos expomos a não ter candidatos senão recrutados ao acaso, candidatos êstes de onde poderão sair alguns teóricos de boa vontade, mas poucos homens capazes de uma ação eficaz. É necessário, portanto, formar êsses jovens, encaminhá-los, esclarecê-los, confiar-lhes enfim verdadeiras responsabilidades. Será preciso formar nêles uma consciência de apóstolos e uma coragem de mártires. Assim poder-se-á evitar no Brasil a apostasia das massas proletá-

---

(58) Cf. Manuel Diégues Júnior, *Reforma Agrária*, em *Síntese política, econômica, social*, I.º ano, n.º 3, julho-setembro 1959, p. 14-29; e *A necessidade da reforma agrária*, *ibid.*, III.º ano, n.º 9, janeiro-março 1961, p. 97-106; ver também Filipe Neri Moschini, *A Reforma agrária*, *ibid.*, IV.º ano, n.º 15, julho-setembro 1962, p. 43-55.

rias, que a Igreja sofre em alguns países. Em certos casos, será até necessário encobrir os seus erros. Mas francamente, no passado, demos freqüentemente demais a impressão de endossar os abusos de alguns economistas ou políticos liberais, para repugnarmos diante das tarefas de hoje.

Esclarecer e estimular as classes dirigentes.

Dada a amplitude dos problemas a resolver, a Igreja não poderia, sòzinha, tomar todas as iniciativas desejáveis. Tomar conta, integralmente, dos domínios a que acabamos de aludir, supõe recursos de que a Igreja não dispõe em nenhum país do mundo. Em certo sentido ela está, então, mais livre para exercer sua função estimulante ante os organismos públicos ou privados, que dispõem dos recursos financeiros ou outros, indispensáveis para que se marche para a frente. Isso quer dizer, de nôvo, que a Igreja deve usar de todo seu prestígio para mostrar aos dirigentes tôdas as duras exigências que lhes impõe a moral.

As responsabilidades das classes dirigentes no Brasil, atualmente, são, com efeito, arrasadoras. Não queremos de forma alguma aludir a algumas fortunas acumuladas de modo mais ou menos suspeito. Queremos apenas considerar o futuro. Se as classes dirigentes querem evitar uma revolução sangrenta, que as arruinaria, devem tomar a

iniciativa de promover as reformas indispensáveis ao progresso do povo, sem esperar que se estabeleça um estado de emergência análogo àquele no qual foi proclamada a Abolição. Em certas circunstâncias, cria-se inevitàvelmente um clima de saturação tìpicamente pre-revolucionário, dada a miséria do povo e a consciência que o mesmo dela vai tomando. Nesse caso, se as reformas básicas não forem realizadas quanto antes, pelos próprios dirigentes, é quase inevitável uma revolução violenta, cuja inspiração ideológica escapa completamente ao contrôle das autoridades estabelecidas[59]. Veja-se a história recente da Rússia, da China, de Cuba. Inversamente, a história do Japão no século XIX é, a êsse respeito, bastante reveladora. O govêrno do país estava confiado a uma minoria aristocrática, dispondo de podêres pràticamente absolutos. Ora, foi dessa aristocracia feudal que partiu a luta contra o analfabetismo, a promoção de atividades culturais e científicas, que conduziram o Japão, em algumas décadas, ao nível de vida elevado que hoje

---

(59) Não é preciso compartilhar de tôdas as afirmações de Celso FURTADO para reconhecer que *A Pré-Revolução Brasileira* oferece abundante matéria à reflexão. (Col. "Perspectivas do nosso tempo", Rio de Janeiro, 1962, 116 p.).

conhece[60]. Aquilo que um govêrno aristocrático conseguiu impor no Japão, um govêrno "democrático" poderia também, e *a fortiori*, impô-lo no Brasil.

Um outro setor deveria igualmente ser animado pela Igreja: o da reforma das emprêsas. Não se poderia, sem certa má fé, julgar ter o "liberalismo econômico" do *"laissez faire, laissez passer"* desaparecido completamente do Brasil. Para nos convencermos disso, basta pensarmos nos diferentes monopólios ou oligopólios de fato, que ainda existem e que são característicos dêsse gênero de liberalismo. E que cada um faça a lista dos casos de "sonegação" que conhece. Bom número de patrões dirige ainda suas empresas quase que exclusivamente em função do interêsse dos proprietários[61]. Ora, do simples ponto

---

(60) Cf. R. ARON, *Dimensions de la conscience historique,* (Recherches en Sciences humaines, 16), Paris, (1961), 337 p. "Au Japon, c'est une classe imbue de l'esprit aristocratique qui accomplit la mutation et tenta de préserver une synthèse des valeurs nationales et des techniques occidentales." (p. 282). Ler-se-á com grande interêsse todo o capítulo sôbre *L'aube de l'Histoire universelle,* p. 260-295.

(61) "Às fôrças produtoras do País, mais que um apêlo, dirigimos serena advertência, no sentido de compreenderem a gravidade da situação e buscarem os verdadeiros fins do Capital e do Trabalho, que não podem servir apenas aos interêsses de grupos privilegiados, mas ao bem de tôda a comunidade, no desenvolvimento progressivo e equânime do País, ao bem-estar das diferentes camadas sociais. É preciso pôr côbro, nesta Pátria tão rica e tão boa, ao quadro deprimente das filas para a

de vista econômico, êsse liberalismo está ultrapassado. Conduz, por outro lado, a abusos intoleráveis para a consciência cristã. É êsse gênero de capitalismo que Sua Eminência D. Jaime Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, denunciava recentemente no rádio: "A cobiça, a ambição e outras paixões tornaram desumanos muitos capitalistas"... Muitos capitalistas carregam "sôbre os ombros a pesada herança do capitalismo liberal de seus antepassados, forjado em iníquo regime econômico"(62). Inspirando-se nas encíclicas sociais e no exemplo dos países onde o capitalismo evoluiu, reconhecendo possuir função e responsabilidade sociais, os patrões de boa vontade poderão tomar a iniciativa de algumas

---

aquisição de gêneros de primeira necessidade, quando todos sabemos que não falta feijão, nem açúcar, nem arroz, mas, espírito público e limite à sêde insaciàvel de lucros desonestos." *Mensagem da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de julho, 1962, em *Plano de Emergência...*, p. 52.

(62) Palestra radiofônica *"A voz do Pastor"* de 21 de setembro de 1962. — "O comunismo ateu explora ativamente a situação, enquanto o capitalismo liberal, não menos ateu, se beneficia da agitação comunista. Jamais houve, neste País, nem maior nem mais criminoso domínio das fôrças econômicas, desviadas de seus altos objetivos de prever às necessidades do bem comum pela justa e equânime distribuição das riquezas. O rôlo compressor de certos grupos insaciáveis, pela dinâmica do lucro exorbitante, pelo subôrno da área da política e, sobretudo, pela ganância incontrolável e ilimitada, tem causado o agravamento da situação política, econômica e social do País." *Mensagem da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1962, em *Plano de Emergência...*, p. 51.

reformas, dando à sua emprêsa um sentido mais humano, mais cristão, melhorando inclusive seus rendimentos. Assim agindo, não se exporão às expropriações intempestivas provocadas por suas próprias omissões(63).

Por outro lado, em muitos casos, os ricos têm atitudes provocantes, que não podem deixar, com o tempo, de suscitar violentas reações. As consideráveis diferenças de rendas são acentuadas, de modo cruel, pela ostentação de luxo de algumas famílias. Ora, é doutrina constante da teologia moral, que um ato pode ser bom ou indiferente em sí, mas vir a ser mau conforme às circunstâncias. Por conseguinte, mesmo que as riquezas ostentadas sejam fruto de dinheiro justamente ganho, a ostentação indiscreta dessas riquezas pode provocar escândalo. Aí intervém um

---

(63) A respeito dos princípios e das condições de uma reforma da emprêsa, textos pontifícios importantes foram reunidos e comentados por G. DUCOIN, em *Pour une économie du bien commun selon la doctrine sociale de l'Eglise,* (Col. Théologie, pastorale et spiritualité; Recherches et Synthèses, 5), Paris, (1960); a ACTION POPULAIRE publicou um breve, porém notável estudo sôbre a questão, apresentando algumas realizações práticas; cf. *La Réforme de l'entreprise. Principes et réalisations,* Paris, (1953), 63 p.; ver também Fr. João Baptista PEREIRA DOS SANTOS, *Unilabor. Uma Revolução na Estrutura da Emprêsa,* (São Paulo, 1962). Reflexões interessantes encontram-se ainda no livro de J. FOURASTIÉ, *La grande métamorphose du XXe. siècle. Essais sur quelques problèmes de l'humanité d'aujourd'hui,* 2.ª ed., Paris, 1962, 237 p. Veja-se especialmente as páginas sôbre *Une économie à la mesure de l'homme,* pp. 27-39.

delicado elemento de apreciação, que faz o tolerável, num país ou cidade, ser escandaloso noutro contexto social. "Famintos, enfermos sem instrução nem recursos, sem habitação adequada, que deverão sentir em seu íntimo ao ver o luxo e desperdício excessivos nas famílias dos seus patrões?"[64].

A essa ação junto aos ricos deve corresponder outra, junto aos detentores do poder político. É tão evidente que os católicos devem lutar contra tôda forma de corrupção, onde ela ainda existir, que é supérfluo nos determos nêste assunto. O que queremos frisar, uma vez mais, é que, sem cair em nenhuma forma de clericalismo, a Igreja pode exercer influência estimulante e esclarecedora sôbre quase todos os organismos políticos.

---

(64) S. Eminência o Cardeal Jaime CÂMARA, cf. nota (62) p. 75. "A sêde de prazeres, característica do neopaganismo... penetrou também entre os agricultores, criando nêles, freqüentemente, a propensão a fazer gastos suntuários no decurso de suas viagens ao exterior, a manter uma representação social por demais onerosa nos grandes centros, a construir sedes de fazenda excessivamente luxuosas, a comprar automóveis numerosos etc.... Da mesma raiz nasce naturalmente a avareza no essencial, isto é, nos gastos para conservar as terras, remunerar dignamente os trabalhadores e promover ativa e dedicadamente a melhoria espiritual e material das condições de vida dêstes." D. Antonio DE CASTRO MAYER, D. Geraldo DE PROENÇA SIGAUD, Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, Luiz MENDONÇA DE FREITAS, *Reforma Agrária. Questão de Consciência*. São Paulo, 1960, p. 22.

Porque, felizmente, é difícil encontrar-se no Brasil um homem político, ou partido político dando mostras de sectarismo religioso. Isso é tão verdadeiro que é de se temer a tentação inversa, a saber: que alguns políticos se sirvam da Igreja para fins temporais[65].

Não é o caso de indicar aqui os numerosos problemas que se impõem à atenção de todo homem político; todos se resumem numa só palavra: — *governar*. Queríamos, entretanto, chamar a atenção para dois dos problemas mais urgentes, cuja solução não pode ser protelada.

O primeiro, ao qual já foi aludido, é o da reforma agrária. No Nordeste, em particular, as condições de vida dos camponeses atingiram um grau de calamidade tal que tôda demora, tôda hesitação poderia ser fatal à nação. A massa de miséria humana, avolumada nas regiões nordestinas demogràficamente mais densas, constitui um perigo iminente, não só para o Brasil, mas para o Continente. Já bem trabalhada por líderes hábeis, esta massa é um barril de pólvora que pode explodir a qualquer momento.

Porém, promover uma reforma agrária para evitar uma revolução não basta. É preciso ver que de uma reforma agrária "digna dêsse nome" (segundo o dito histórico do Cardeal Motta) de-

---

(65) Cf. as obras citadas *supra*, nota (40), p. 56.

pende o futuro progresso do país. Com efeito, se o camponês continuasse em condições de vida miseráveis, o desenvolvimento extraordinário que se verifica nas regiões industrializadas antingiria ràpidamente um teto insuperável. A indústria brasileira precisa, quanto antes, de um maior mercado interior para manter o seu ritmo de expansão. Vale dizer que o número de compradores--consumidores deve aumentar. Ora, num país onde cêrca da metade da população é agrícola, torna-se imprescindível a criação de condições econômicas, sociais, jurídicas e educacionais que criem, nesta mesma população, mercados novos, — e acatem melhor as exigências da justiça e da caridade. Outrossim, mesmo se a revolução não sobreviesse, o mundo dos camponeses, sem reforma agrária, continuaria num estado de estagnação que constituiria um pêso enorme para as regiões altamente desenvolvidas, uma vez que seria preciso "rebocar" as regiões pobres.

Vê-se por aí que, para ser útil, uma reforma agrária "digna dêsse nome" supõe uma política educacional, sanitária, creditícia de grande envergadura.

O segundo problema capital é o da inflação. Certamente, no Brasil, a inflação tem causas econômicas. Nesse sentido, é normal em certo limite, uma vez que o país se industrializa. Mas a taxa atual da inflação não se explica, natural nem

ùnicamente assim. Além de motivos morais[66], outros devem ser invocados, e em particular, motivos de ordem política. Ora, esta taxa de inflação empobrece o país e especialmente o povo, desencoraja a poupança, convida ao entesouramento, imobiliza capitais nacionais em construções suntuosas mas improdutivas, incita os capitais nacionais a fugirem para o exterior... e expõe o país a depender, de modo anormal, dos caprichos dos investimentos estrangeiros. Chega-se assim ao estranho paradoxo de que capitais, brasileiros de orígem, retornem ao país sob forma de investimentos estrangeiros! Noutros têrmos, a atual taxa de inflação é fator de regresso ou estagnação. É pois urgente que os políticos interessados no bem estar e no progresso .do país promovam e façam aplicar medidas favoráveis aos investimentos nacionais no Brasil, e regulamentem, de modo racional e eqüitativo, a distribuição de investimentos nacionais e estrangeiros por todo o território nacional.

Uma política monetária sã e realista deve favorecer as emprêsas privadas bem organizadas e

---

(66) "Há uma ganância que cega. Há um desejo imoderado de lucro, que, perante a moral cristã, continua a merecer o nome de furto. Há uma voracidade que só faz agravar a inflação, a pretexto da qual se instala e sob a qual se esconde." *Declaração da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil,* Rio de Janeiro, 14 de julho de 1962, em *Plano de Emergência...*, p. 48.

tornar possível, graças a um sistema fiscal eficiente, a realização, pelos podêres públicos, dos serviços que um estado moderno espera de sua administração.

Os resultados de uma política monetária corajosa não tardariam a se fazer sentir. Seria afastada a tentação de recorrer às ilusórias soluções das nacionalizações intempestivas, nas quais, por desespêro, alguns querem ver a panacéia, suposta, erradamente, capaz de resolver todos os problemas. Não que tôda nacionalização seja reprovável sem discriminação; há setôres em que não se vê possibilidade de evitá-la. Mas quando elas suprem as carências da iniciativa privada, as nacionalizações podem representar um passo perigoso para o coletivismo progressivo[67]. A bem dizer, êsse paternalismo do Estado abre largamente a porta para o comunismo.

Reforma agrária, saneamento da política monetária: dois devêres imperiosos que se impõem a todo político de boa vontade, porque a solução total do problema social ou, se se prefere, a prevenção contra a ameaça comunista, não consiste apenas em repartir melhor as riquezas existentes.

---

(67) A carência da iniciativa privada já tinha sido percebida por Getúlio Vargas, no fim de sua legislatura. Dêle veio o impulso decisivo a três grandes emprêsas nacionais: Petrobrás (petróleo), Volta-Redonda (siderurgia), barragens do Rio São Francisco (energia elétrica).

Consiste principalmente em criar novas fontes de riquezas, tanto na indústria como na agricultura. Mesmo se todos os patrões e todos os latifundiários fôssem justos e caridosos, na atual situação, o Brasil não poderia garantir a todos os cidadãos condições de vida verdadeiramente convenientes. Por conseguinte, importa multiplicar e repartir judiciosamente as fontes de riquezas características da economia moderna: quer dizer, multiplicar as indústrias, modernizar a agricultura, desenvolver a rêde de distribuição, preparar técnicos competentes.

Formar e orientar os universitários.

O esfôrço dos católicos deve pois exercer-se sôbre o meio camponês e operário, tanto quanto sôbre as classes dirigentes de hoje. É importante que se exerça, também, sôbre as classes dirigentes de amanhã. Nêste domínio a Igreja no Brasil poderia dar, à primeira vista, a impressão de estar bastante desprovida. Queríamos, para terminar, mostrar que nesse setor não menos do que nos outros, não há lugar para desespêro.

Já chamamos a atenção sôbre o perigo que poderá representar uma pletora de universitários mal formados. A Igreja deve, pois, concentrar seus membros mais competentes e qualificados na formação de intelectuais católicos altamente competentes e apostólicos. Certamente, a multiplici-

dade das instituições já existentes, as deficiências do corpo docente, as dificuldades financeiras nem sempre facilitarão tal tarefa. Mas, postas à parte algumas sobrevivências coriáceas do positivismo, as quais será fácil eliminar, a Igreja tem aqui também, pràticamente, o campo livre.

É lugar comum dizer que o futuro de um país moderno se encontra na sua juventude universitária. O mundo de amanhã necessitará de um número cada vez maior de intelectuais de tôda espécie e não só de técnicos. No caso do Brasil, essa necessidade de universitários competentes se faz sentir de maneira particularmente clara nos diversos setôres da vida econômica. Da formação dêsses quadros depende o desenvolvimento da indústria e da agricultura, a riqueza do país, e por conseguinte, as condições que permitam assegurar um mínimo de bem estar ao conjunto da população.

Ora, tanto estudantes como professôres, indagam, cada vez mais, se a Universidade brasileira, tal como é concebida atualmente, está à altura de cumprir sua missão histórica(68). Não é o caso de entabular aqui uma discussão pormenorizada sôbre o problema complexo de uma reforma universitária. Mas devemos ao menos fazer

---

(68) Ver M. J. Garcia Werebe, *Grandezas e Misérias do Ensino Brasileiro*, col. "Corpo e Alma do Brasil", São Paulo, 1963, 246 p. (Tivemos conhecimento dêste livro lúcido na hora de corrigir as provas).

algumas reflexões indispensáveis para o nosso assunto.

Apesar da afirmação poder parecer paradoxal, achamos que a atual multiplicidade de instituições de ensino superior não responde exatamente às atuais necessidades do país. Há uma desproporção entre o esfôrço financeiro e humano realizado pelo ensino superior e o realizado pelo ensino primário. Dada a taxa elevada de natalidade, o poder público e o privado não conseguem criar número suficiente de grupos escolares, capazes de atender às necessidades crescentes da população em idade escolar. Segue-se daí que todo ano as estatísticas do Ministério da Educação e Cultura acusam um ligeiro progresso do analfabetismo. Ora, essa massa alfabeta constituirá, nos próximos anos, grande obstáculo ao progresso. O benefício do progresso econômico e técnico será, em parte, neutralizado e absorvido pelo sustento dessa massa, desambientada numa civilização cada vez mais industrial e urbana.

Por êsse motivo e por outros, cuja exposição não cabe neste estudo, pensamos que o esfôrço educativo deveria visar, antes de tudo, a eliminação do analfabetismo e, no nível universitário, a formação de um escol de competência fora do comum. Pensamos, em todo caso, que isso é o que deve ser feito no ensino superior católico. Do ponto de vista católico, não se trata, sobretudo, de formar numerosos universitários: trata-

-se de formar universitários capazes por sua competência, de se imporem nos mais diversos meios, notadamente nos meios políticos e econômicos, e, pelo seu ardor apostólico, de serem testemunhas eficazes do Evangelho.

Eis porque atualmente alguns se perguntam se a multiplicação das instituições católicas é verdadeiramente feliz. A Igreja, no Brasil, como em outros lugares, não dispõe de recursos capazes de rivalizar com o poder público. E o poder público não tem a possibilidade material de sustentar suficientemente as numerosas instituições particulares existentes. Daí resulta que o nível científico dos estabelecimentos católicos não é superior, no conjunto, ao dos estabelecimentos públicos. Por outro lado, a insuficiência numérica do clero dificulta a formação religiosa dos universitários.

Essa multiplicidade de instituições de ensino superior católico leva então a uma série de impressionantes dificuldades. Antes de mais nada, a hierarquia católica não pode exercer uma fiscalização constante sôbre os estabelecimentos; a última greve estudantil mostrou claramente que êsse perigo não é ilusório: como fiscalizar, de uma vez, dezenas de estabelecimentos? Em seguida, é difícil dar profunda formação católica a tantos estudantes. Por conseguinte, uma vez fora do âmbito preservador das universidades católicas, pode acontecer que êsses estudantes sejam mais

vulneráveis que os outros, saídos das universidades oficiais. Duplo perigo, portanto: facilidade de infiltração comunista ou outra; sedução possível do comunismo sôbre os estudantes católicos. Não faltam exemplos para demonstrar que êsse duplo perigo é real.

No entanto, a situação não é insolúvel, porque, em cada estudante brasileiro, se esconde um militante que só quer dedicar-se a um ideal que valha a pena. O que falta não é nem generosidade nem inteligência, mas sim líderes católicos capazes de propor uma mística exaltante. Ora, propor à juventude estudantil brasileira a construção de um Brasil mais próspero, mais humano e mais cristão não é propor-lhe um ideal indigno! Esta juventude universitária católica possui tôdas as qualidades necessárias para dar ao país dirigentes políticos, industriais, sociais e até religiosos, de grande valor. Ela está vivamente perocupada com a miséria, as desigualdades, o analfabetismo. O único problema para a Igreja é saber aproveitar, ao máximo, e enquanto é tempo, dessas disposições.

Nessa perspectiva, parece legítimo inverter, mas a favor da Igreja, o que dissemos a respeito de um escol minoritário, mas comunista, dentro da universidade. Isso significa que a tarefa mais urgente da Igreja no meio universitário é a de formar alguns homens de grande valor, tanto do ponto de vista profissional quanto religioso. Den-

tro da atual organização das universidades católicas, isso é difìcilmente realizável. É urgente agruparmos, em três ou quatro centros, tôdas as energias válidas de que os católicos dispõem no país. Achamos que três ou quatro universidades bem equipadas, providas de professôres altamente competentes e cristãos autênticos, procedendo a uma seleção rigorosa dos candidatos, bastaria para dar à Igreja os leigos de que necessita. Além de sua formação profissional, êsses universitários deveriam receber formação religiosa de alto nível. Essa formação deveria comportar uma séria iniciação nas questões dogmáticas. Em moral, um lugar de relêvo seria dado, naturalmente, à doutrina social da Igreja. Dois assuntos seriam objeto de leal e profundo exame: o problema do nacionalismo e uma discussão séria sôbre o comunismo(69).

---

(69) Não podemos pensar em dar aqui uma bibliografia, nem sequer elementar, a respeito do estado atual do comunismo. Limitemo-nos a indicar algumas obras importantes, nas quais a parte crítica é tão vigorosa quanto a parte expositiva: André PIETTRE, *Marxismo,* trad. de Paulo MENDES CAMPOS e Waltensir DUTRA, (Biblioteca de Ciências sociais), Rio de Janeiro, s.d.; G. A. WETTER, *Der dialektische Materialismus. Seine Geschichte und sein System in der Sowjetunion,* Friburgo (B.), (1960), 693 p. (trad. em preparação); BOCHENSKI, J., e NIEMEYER, G., *Handbuch des Weltkommunismus,* Friburgo (B.), 1958, 762 p.; CHAMBRE, H., *Le marxisme en Union soviétique. Idéologie et Institutions. Leur évolution de 1917 à nos jours,* (Col. Esprit, "Frontières ouvertes"), Paris, (1957), 510 p. (p. 255-355; *L'idéologie morale et antireligieuse*); I. M. BOCHENSKI, *Der Sowjetrussische dialektische Materialismus* (*Diamat*), Berne e Munich, (1960), 180 p.;

A formação doutrinal levaria a uma iniciação prática ao apostolado, porque as universidades católicas devem ser tanto escolas de generosidade quanto de lealdade; devem permitir aos dirigentes de amanhã entrarem em contacto com a pobreza do povo, suas angústias e esperanças.

Pelo fato de disporem de algumas boas universidades, os católicos não estariam dispensados de exercer sua influência nas universidades oficiais, pois, mesmo onde a Igreja deve desistir de ter as suas próprias universidades, as oficiais mantêm, em geral, abertas as suas portas. É necessário aproveitar dessa capacidade de acolhimento do meio universitário oficial, que está disposto a receber da Igreja uma doutrina, orientação e exemplos.

Como exercer essa influência? De dois modos: pela presença de professôres leigos, competentes e apostólicos, formados ou não nas boas universidades católicas. Em segundo lugar, destinando alguns padres bem preparados para dar assistência religiosa ao público das universidades oficiais.

Na Europa, as universidades do fim da Idade Média não estavam preparadas para enfrentar a

---

J.-Y. Calvez, *O pensamento de Karl Marx*, trad. de A. Veloso, 2 vol., Porto, 1959; uma das melhores críticas é a de R. Aron, *L'opium des intellectuels*, Paris, (1955), 337 p. (Há trad. portuguêsa: *Mitos e Homens*).

crise da Renascença e da Reforma. Sabe-se no que isto resultou... A situação aqui é menos dramática, mas saibamos aproveitar a lição. Os comunistas sabem tanto quanto os católicos que o ensino superior é uma posição chave. Aliás, basta lembrar que os estudantes, também, têm a seu crédito mais de uma sublevação revolucionária, cuja inspiração comunista só escapa aos tolos.

CONCLUSÃO

De nada adianta ocultar a si próprio a gravidade da situação. A hora dos "jeitinhos" já passou. O comunismo é um dos graves perigos que a Igreja tem encontrado na História. Nenhum expediente, — paternalismo, clericalismo, ironia, anátema, etc. — o dominará.

Diante dêsse falso messianismo, a Igreja deve repelir tanto o mêdo, que paralisa, quanto a presunção, que cega. Mas é preciso que os cristãos encarnem tanto em seu comportamento pessoal, como nas instituições, a doutrina de que são testemunhas.

Mudar o ritmo de desenvolvimento da Igreja

Legítimo é, portanto, esperar que a crise que ameaça a Igreja no Brasil lhe dê estímulo e vitalidade. Contribuindo, sem demora, para o estabelecimento de um regime mais respeitoso do homem, os católicos brasileiros podem esperar

uma nova alvorada para a Igreja. A ameaça comunista nos força, de fato, a descobrir novas energias. Resta-nos indicar os benefícios que, a longo prazo, poderiam resultar desta ação.

Vimos, precedentemente, que a grande diferença entre o Brasil arcaico e o Brasil moderno se manifestava precisamente por uma diferença muito acentuada no ritmo do desenvolvimento. Mas as exigências profundas de renovação doutrinal e pastoral que nos impõe a ameaça comunista equivalem ao aceite de uma modificação profunda do ritmo de desenvolvimento da Igreja no Brasil.

Para isso, é preciso, para começar, que a nossa teologia cesse de emprestar o flanco ao reproche de alienação. Não que seja necessário introduzir o mínimo relativismo na exposição do dogma e da moral. Mas a nossa teologia, e mesmo a nossa catequese, são em geral muito diretamente solidárias com suas fontes européias. Há, portanto, um trabalho teológico importante a realizar, consistente em mostrar *em que* êsse bem comum da teologia católica responde a questões vitais para o povo brasileiro, levando-se em conta a cultura que lhe é própria. A êste respeito, há um trabalho de adaptação a realizar: o que dissemos precedentemente sôbre a doutrina social da Igreja deve estender-se ao conjunto do dogma, da moral, da catequese. Os caracteres próprios da cultura brasileira são suficientemente vincados

para que não se possa deixar de levá-los em conta no ensino da religião! Outrossim, seria ilusório esperar uma renovação da pastoral sem haver ao mesmo tempo um esfôrço de adaptação da teologia tradicional à realidade brasileira, no seio da qual esta deve encarnar-se.

Quanto à pastoral, deve tornar-se mais missionária. Esta renovação é imposta desde já pelo pluralismo religioso e ideológico que o Brasil hodierno conhece. Devemos, pois, saber onde colocar o acento, e escolher entre uma pastoral de cristandade e uma pastoral de missão, uma pastoral colonial e uma pastoral arrojada, uma pastoral de culto e uma pastoral de conquista, uma pastoral centrada na administração dos sacramentos e uma pastoral preocupada com a formação de militantes, uma pastoral conservadora e uma pastoral progressista, uma pastoral quantitativa e uma pastoral qualitativa, uma pastoral em extensão e uma pastoral em profundidade.

Aliás, não temos a escolher os métodos a empregar; a falta de sacerdotes por que passa atualmente a Igreja do Brasil a obriga a fazer apêlo à colaboração direta de militantes leigos, em tôdas as regiões, em tôdas as classes sociais, em todos os setôres. Êste entrosamento dos leigos

no apostolado é, por outro lado, imposto pela ameaça comunista mesmo. Dada a crise atual de vocações, e levando-se em conta o crescimento demográfico, torna-se cada vez mais difícil conservar o que resta de religião católica na população. É imprescindível pensar, para o futuro, a pastoral em têrmos de qualidade, de escol, de formação pessoal, de militança.

O despertar de vocações leigas e sacerdotais

Mas pensamos que esta mutação inevitável é rica de promessas, por abrir horizontes novos para a Igreja do Brasil.

Fazíamos alusão, ainda há pouco, à falta de sacerdotes e à necessidade de formar leigos. São êsses de fato os dois problemas máximos da Igreja no Brasil, na hora presente. Mas importa ver que não vão resolver-se um sem o outro. Ora, dêstes dois problemas, o que é possível resolver com os efetivos atuais do clero, é o da formação dos leigos. Na medida em que tivermos despertado nos leigos o senso das suas responsabilidades humanas e cristãs, teremos comunidades cristãs paroquiais, operárias, camponesas, estudantis, universitárias. Teremos famílias que darão um testemunho vivo de vida cristã integral.

Eis justamente o ponto onde se radica uma grande esperança. Porque essas famílias cristãs

militantes serão um solo escolhido para as vocações sacerdotais de amanhã. E dessas comunidades cristãs, todo o indica, nascerão normalmente, num futuro que pode ser próximo, vocações sacerdotais de primeiro valor. Se propusermos aos jovens militantes, jocistas e universitários, um ideal sacerdotal humanamente mais exaltante, e sobrenaturalmente mais encarnado, não há dúvida que serão mais disponíveis ao chamamento do Senhor. Não está escrito que os filhos do interior sejam, por assim dizer, os únicos aptos ao sacerdócio. Pretendê-lo, o proceder pràticamente como se fôsse assim, seria reconhecer o desbarato de tôda uma pastoral. Afirmamos, pelo contrário, que se a nossa teologia fôr melhor adaptada e atualizada, se a nossa pastoral fôr mais realista, os melhores dentre os jovens das cidades serão seduzidos pelo ideal que nós lhes propomos. Isto não significa que todos perceberão o chamamento do Senhor; o Senhor não escolhe senão quem lhe apraz. Mas isto significa que dentre os leigos cristãos que tivermos formado, sairão vocações de escol, accessíveis aos problemas urgentes que impõe a conjuntura nacional atual.

Ora, a experiência de outros países mostra que, entre os fatôres que influem felizmente no despertar da vocação, a ação social cristã, em suas diferentes modalidades, é, atualmente, um dos mais poderosos. Parece estar aí a motivação que desempenha psicològicamente o maior papel

no despertar de uma vocação nos meios humanamente muito desenvolvidos. No seminário maior de Santiago do Chile, por exemplo, mais da metade dos seminaristas são antigos militantes (sobretudo universitários, mas também operários) que foram atraídos pela expressão encarnada do ideal cristão. Ora, é claro, se aceitarmos a dupla reformulação da nossa teologia e da nossa pastoral, não há razão por que essa motivação não se faça sentir também aqui, entre os melhores dos nossos jovens.

O perigo comunista, assim encarado, pode nos aparecer como um poderoso estimulante para a Igreja do Brasil. Êle nos força a resolver, o mais depressa possível, o duplo problema do laicado cristão e, em conseqüência, o das vocações sacerdotais. Neste sentido, não é exagerado dizer que êle encerra algo de providencial. Deveríamos nós lastimar? Sim, num sentido — pois, inevitàvelmente, o comunismo levará algumas almas a se perderem. Mas, de outro lado, pensamos que a Igreja do Brasil se acha em condições de enfrentar o perigo. Em todos os setôres da vida religiosa encontra-se uma lucidez, clarividência e vontade de progresso absolutamente notáveis. Os católicos brasileiros podem, portanto, revidar aos comunistas com uma das suas mais familiares doutrinas, a saber: que os problemas só começam a ser percebidos quando há possibilidade de serem re-

solvidos. Avaliar a verdadeira dimensão do perigo, aceitar as renovações que se impõem, avançar sem a mínima pusilanimidade: eis as condições para o bom êxito. Se a esta lucidez os católicos continuarem a aliar uma confiança filial na Providência, não há motivo para pessimismo. Pelo contrário, a Igreja dispõe, atualmente, de uma oportunidade única que, queremos crer, não será a última.

Composto e impresso em julho de 1963, na EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S/A, *à Rua Brigadeiro Galvão, 225/235 - Tel. 52-3319*
— S. PAULO —

mento mais perigoso do comunismo no Brasil, via mais provável pela qual poderá chegar ao sucesso na sua marcha para o poder, se não lhe forem opostos, sobretudo pela Igreja, e a tempo, os corretivos necessários.

Êstes, como sempre, não devem constar de atitudes negativas, de meras críticas inócuas, mas, antes de tudo, da retirada aos comunistas de iniciativa em tudo que se refira ao bem-estar social, não só das classes operárias e camponesas, ainda pouco conscientes e organizadas, mas, antes, da classe média, que se sente frustrada e em marcha acelerada para a proletarização.

O seu conteúdo é, sem dúvida, uma indicação prática e segura para a aplicação dos postulados expostos na "Mater et Magistra" e "Pacem in Terris", no mesmo domínio.

Capa de Luís Diaz